

Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

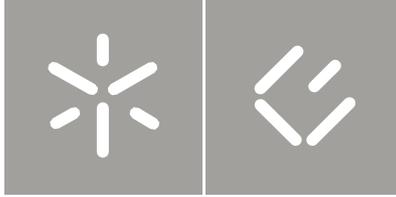
Os diferentes tipos de voluntariado e o papel que desempenham num contexto de guerra atual

Maria Catarina Ribeiro Ferreira

Os diferentes tipos de voluntariado e o papel que desempenham num contexto de guerra atual

UMinho | 2023

junho de 2023



Universidade do Minho

Escola de Economia e Gestão

Maria Catarina Ribeiro Ferreira

Os diferentes tipos de voluntariado e o papel que desempenham num contexto de guerra atual

Tese de Mestrado

Mestrado em Economia Social

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Doutor Paulo Reis Mourão

junho de 2023

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

“Se, atualmente, o normal e corrente é o individualismo, o consumismo, o dramatismo e o desencanto... nunca será apenas moda servir os outros, renunciar á comodidade, preocuparmo-nos com os outros, numa palavra: a solidariedade.”

(Bouzas)

“Grandes realizações são possíveis quando se dá importância aos pequenos começos”

(Lao -Tsé)”

AGRADECIMENTOS

Tendo este momento como um marco importante a título académico e pessoal, impõe-se-me registar o meu profundo agradecimento a um conjunto de pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram decisivamente para que me fosse possível terminar o presente estudo.

Aos meus padrinhos, por todo o acompanhamento, ajuda, ânimo e acima de tudo por terem acreditado em mim, sem eles não teria sido possível.

À Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, pela possibilidade que me deu de integrar o Mestrado de Economia Social.

Aos meus colegas de turma, pelo muito que me ensinaram nas inúmeras discussões e reflexões que tivemos ao longo do ano letivo.

Ao Doutor Paulo Reis Mourão, o meu Orientador de Mestrado, por toda a disponibilidade, rigor académico, motivação e confiança que depositou em mim.

Ao Dr. Luís Júnior, pela colaboração e disponibilidade em responder a algumas questões, que me ajudaram imenso.

À Irina pela disponibilidade e confiança em responder às minhas perguntas, mesmo sendo um assunto bastante sensível.

Aos meus amigos, Bruna Moura, Diogo Miguel, Alexandra Faria e Mariana Marques, pela amizade que construímos, pelos momentos que partilhámos, pela boa energia, e sobretudo por me terem permitido crescer e aprender com todas as partilhas.

E por último, mas não menos importante, ao Diogo, por toda a ajuda e motivação que me deu durante a realização do presente estudo.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Assinatura:

RESUMO

A realidade demográfica e as inúmeras alterações sociais que ocorreram de forma acelerada na sociedade nos últimos anos fizeram com que a nossa forma de pensar e agir interagissem com todas estas transformações. Estas mudanças que ocorreram a nível tecnológico, económico e político levaram a inúmeras alterações nos modos de organização das sociedades e conseqüentemente, alteraram também a natureza de alguns problemas sociais da atualidade e das formas de conceber as respostas aos mesmos. Essas alterações produziram novos problemas, para os quais o voluntariado passou a assumir uma quota-parte importante da resposta a dar.

O voluntariado é um fenómeno que se pode encontrar em qualquer parte da nossa sociedade, traduzida por uma atitude ou ação que sempre esteve presente em todas as sociedades, em todas as geografias, em todas as culturas e em todos os tempos históricos.

Nos dias de hoje, o trabalho voluntário é visto como uma mais-valia para a sociedade, de forma a colmatar as insuficiências dos apoios institucionais e também familiares. Desta forma, o presente estudo discute os diferentes tipos de voluntariado e o papel que desempenham num contexto de guerra atual.

O objetivo é demonstrar que a prática do voluntariado é um fenómeno social em ascensão, e que se apresenta de formas diferentes, sendo todas elas muito importantes, no que concerne à aplicação do papel fundamental desta prática, sendo a mesma responsável e propiciadora de uma cultura de solidariedade social que se preocupa com os mais desfavorecidos. Simultaneamente, pretende-se demonstrar o quão importante é o voluntariado, essencialmente nas alturas mais frágeis, como acontece na atual Guerra da Ucrânia. Assim, apresenta-se a base teórica, com base na citação de alguns autores, para definir o voluntariado e a sua divisão, tentando reforçar a importância do mesmo na sociedade.

Palavras-chave: Voluntariado, Solidariedade, Guerra, Sociedade.

ABSTRACT

The demographic reality and the numerous social changes that have occurred at an accelerated pace in society in recent years have made our way of thinking and acting interact with all these transformations. These changes that occurred at a technological, economic, and political level led to numerous changes in the ways societies are organized and, consequently, also changed the nature of some current social problems and the ways of conceiving the answers to them. These alterations produced new problems, for which volunteering began to assume an important part of the response to be given. Volunteering is a phenomenon that can be found in any part of our society, translated by an attitude or action that has always been present in all societies, in all geographies, in all cultures, and in all historical times. Nowadays, voluntary work is seen as an added value for society, to overcome the inadequacies of institutional and also family support. In this way, the present study discusses the different types of volunteering and the role they play in a current war context. The objective is to demonstrate that the practice of volunteering is a social phenomenon on the rise and that it presents itself in different ways, all of which are very important, about the application of the fundamental role of this practice, being responsible and conducive to a culture of social solidarity that cares about the most disadvantaged. Simultaneously, it is intended to demonstrate how important volunteering is, essentially in the most fragile times, as happens in the current War in Ukraine. Thus, the theoretical basis is presented, based on the citation of some authors, to define volunteering and its division, trying to reinforce its importance in society.

Keywords: Volunteering, Solidarity, War, Society.

Índice

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	IV
AGRADECIMENTOS	VI
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	VII
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT	IX
Introdução	1
Contextualização	2
Capítulo I – Fundamentação Teórica	5
1.1. Conceito de Voluntariado	5
1.2. Trabalho Voluntário	10
1.3. Os diferentes tipos de voluntariado	13
1.4. Voluntariado Formal e Informal	15
1.5. Voluntariado Internacional	17
1.6. O papel do Voluntariado num contexto de Guerra	20
Capítulo II - Pesquisa Qualitativa x Pesquisa Quantitativa	23
2.1. Pesquisa Quantitativa	23
2.2. Desenho do Questionário	28
Capítulo III – Análise de dados.....	29
3.1. Amostra.....	29
3.2. Método e Procedimento empírico	29
3.3. Análise das Respostas	30
Capítulo IV - Discussão dos Resultados	50

Capítulo V - Conclusão	54
Capítulo VI - Referências Bibliográficas	56
Anexos	59

Índice de ilustrações

Gráficos

Gráfico 1. Distribuição do género da população	31
Gráfico 2. Distribuição da idade	32
Gráfico 3. Distribuição das habilitações literárias da população	33
Gráfico 4. Distribuição da situação profissional da população	34
Gráfico 5. Pessoas praticantes ou não praticantes de voluntariado.....	35
Gráfico 6. O aumento da importância atribuída ao Voluntariado por parte da População da amostra.....	36
Gráfico 7. Interesse que os inquiridos tiveram ou têm em ser voluntários.....	37
Gráfico 8. Fontes de informação, pelas quais a população toma conhecimento acerca do conceito de voluntariado.....	38
Gráfico 9. Percentagens de hipóteses feitas aos inquiridos	40
Gráfico 10. Frequência da prática do voluntariado por parte dos inquiridos.....	41
Gráfico 11.A Guerra da Ucrânia como fator de maior sensibilização para a prática de Voluntariado	42
Gráfico 12. A Guerra como fator desmotivador para a prática de voluntariado.....	43
Gráfico 13.Países pela qual as pessoas teriam preferência em praticar voluntariado ..	44
Gráfico 14.Hipóteses que permitem inferir a motivação das pessoas para a prática de voluntariado	45
Gráfico 15.Conhecimento da população dos diferentes tipos de voluntariado	46
Gráfico 16.Distribuição da População que pratica voluntariado através de uma instituição	47
Gráfico 17.Opinião da População sobre a Solidariedade	48
Gráfico 18.Interesse da população em praticar voluntariado no futuro	49

Tabelas

Tabela 1- Formulação de hipóteses.....	25
Tabela 2 - Validação das hipóteses.....	53

Lista de Abreviaturas

INE	Instituto Nacional de Estatística
ONG	Organização não governamental
OSFLs	Organizações sem fins lucrativos
NU	Nações Unidas

Introdução

O presente trabalho de investigação surgiu na sequência do mestrado em Economia Social. As motivações para a concretização deste trabalho passam, essencialmente, pelo interesse do conceito de voluntariado e, o conseqüente, envolvimento pessoal em ações de voluntariado de várias associações, à admiração do trabalho voluntário, que através das várias formas que o voluntariado pode assumir, tentam combater a exclusão social, e do ponto de vista científico, o voluntariado é uma área emergente e cada vez mais importante

Considero temas como a pobreza e a fome uma preocupação mundial, preocupação essa que não deve estar encarregue só ao Estado colmatar, pois nem sempre consegue dar resposta às necessidades existentes, mas a toda a sociedade. Atualmente, a importância atribuída ao voluntariado tem crescido bastante, face às crises, guerras e constantes mudanças, assumindo este conceito um papel fundamental na erradicação da fome, da pobreza e da exclusão social. O voluntariado é atualmente visto como um meio de participação ativa dos cidadãos e um exemplo que deve ser seguido por todos.

Por fim, ao mesmo tempo que abordo a definição de voluntariado e dos diferentes tipos do mesmo, tento procurar demonstrar a importância que este conceito tem em situações tão emergentes, como é o caso da Guerra que está a decorrer entre a Ucrânia e a Rússia, através de um testemunho real, de revisão de literatura e de uma análise quantitativa.

Contextualização

O voluntariado atualmente é tido como uma prática social a seguir por toda a comunidade civil, é assumido como um exemplo de cidadania ativa, sendo promovido tanto nos contextos sociais quanto nos académicos e profissionais. As perspetivas históricas servem fundamentalmente para contextualizarmos e evidenciarmos as principais características da evolução do fenómeno do voluntariado ao longo da história.

Segundo Amaro (2002), a literatura existente sobre a evolução desse fenómeno consubstancia-se praticamente na realidade das sociedades europeias e sociedades ocidentais de uma forma geral.

Rogério Amaro (2002) sustenta a análise histórica do voluntariado em quatro períodos: no pré-industrial, na era industrial, no Estado de Providência e no pós-industrial.

Para Amaro (2002), a principal característica do contexto pré-industrial prende-se ao facto de o voluntariado não ter de conviver/concorrer com o trabalho remunerado.

Gomes (2009) discute que o conceito moderno de voluntariado só adquire importância numa lógica de mercantilização das relações de trabalho, ou seja, a partir do momento em que o trabalho assalariado se transformou na relação de produção dominante. Este período é caracterizado pela inexistência de voluntariado, enquanto conceito e categoria com reconhecimento social.

Mourão e Tavera (2010) mostram que nas sociedades ibéricas e sul-americanas dos séculos XVI e XVII, já existia uma complexa rede de voluntariado sob o impulso de associativismo leigo inspirado por intenções religiosas (assistencialistas, eminentemente) concretizadas em figuras de confrarias, irmandades e Misericórdias. Por seu lado, na era industrial, o voluntariado ganha um reconhecimento e estatuto social que marca a evolução histórica do mesmo.

Segundo Gomes (2009), mediante todas as transformações sociais e mudanças suscitadas pela Revolução Industrial, perante novos modos de vida, como organizações do trabalho, surge a necessidade do aparecimento das lógicas de ajuda e de

solidariedade organizada com o recurso ao voluntariado. Neste período industrial, verifica-se a hegemonização do modelo mercantil das relações de trabalho, e este passa a ser entendido como mercadoria disponibilizada na relação de mercado, onde é objeto de compensação, económica, pela realização de uma tarefa realizada.

Nesse contexto, toda a infraestrutura social se organizou em torno das relações de trabalho assentes na lógica de mercado (Gomes, 2009). Para Gomes (2009), esta realidade traz consigo novas e fortes implicações na forma como se perspetiva o voluntariado, sobretudo, no facto de se distinguir pela gratuidade, carácter incontornável na perceção real do que é o voluntariado na atualidade.

O voluntariado é, historicamente, remetido para a sociedade civil e, em função disso, é, grosso modo, identificado como oposição ou complemento ao Estado, enquadrando-se naquilo a que hoje designamos como Terceiro Sector (Gomes, 2009). Para Gomes (2009), o voluntariado não caminhou lado a lado na constituição e desenvolvimento do Estado de Providência.

Perante a ação do Estado-Providência, o voluntariado começou por ser redefinido como desajustado, profundamente insuficiente para dar conta da escala das novas necessidades sociais. A um certo descrédito face à eficácia da sua intervenção juntou-se a animosidade ou pelo menos a desconfiança de uma ordem e um Estado Social secularizados, sendo visto como um vestígio de uma nova ordem paternalista, assistencialista, cuja atuação caritativa era quase sempre motivada pela religião. (Amaro, 2002, p. 56).

A I Guerra Mundial foi um acontecimento marcante pela destruição e pela morte, mudando drasticamente o cenário político, económico e social da Europa. No entanto, com o fim da guerra surgiram diversos movimentos pacifistas, voltados para o objetivo de um mundo sem guerras, tendo surgido a necessidade de se enfatizar a solidariedade e a melhor compreensão entre as pessoas e as nações como meio de prevenção para o surgimento de novas guerras.

Após esta tragédia, o impulsor e engenheiro suíço Pierre Cérésole, organiza, juntamente com outros jovens Europeus o primeiro campo de trabalho, que consistiu na ação de um pequeno grupo de pessoas, principalmente mais jovens que

participaram na limpeza do lixo e da reconstrução da vila de Esnes-en-Argonne. O facto de o grupo incluir alguns voluntários franceses e alemães, deu a este acampamento uma dimensão simbólica da reconciliação.

A experiência de Verdun foi a base para o início do que hoje é conhecido como Serviço Civil Internacional ou, em países de língua inglesa, Serviço Voluntário Internacional, originalmente conhecido como Serviço Voluntário Internacional para a Paz. Esta organização internacional, hoje mundial, começou realmente como um projeto de baixo para cima, mais como um movimento, com grupos locais.

A I Guerra Mundial serve como exemplo para o primeiro passo de consciencialização daquilo que é o voluntariado, e a necessidade do mesmo em situações mais frágeis. No entanto, este conceito surgiu em muitos outros momentos, como é o caso da II Guerra Mundial.

O voluntariado é assim o conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas (Lei n.º 71/98 de 3 de novembro).

Embora o Voluntariado esteja presente há muitos anos na nossa sociedade, só recentemente é que passou a ser alvo de estudo pelas Ciências Sociais e até mesmo pela Economia.

Nos dias de hoje, o voluntariado, é visto como uma prática social a seguir por toda sociedade, assumindo-se como um exemplo de cidadania.

O voluntariado é um fenómeno já com um nível de maturidade importante (Schervish, 1993) e tem, ao longo dos tempos, conquistado espaços e pessoas (Pedro, 2010).

Em suma, com este trabalho procuro sugerir linhas para um debate sobre os diferentes tipos voluntariado e o papel que o mesmo tem num contexto de Guerra atual, aproveitando por abordar e definir o trabalho voluntário.

Capítulo I – Fundamentação Teórica

1.1. Conceito de Voluntariado

O voluntariado não é um fenómeno recente, pois foi apenas em 2011, que através do Ano Europeu do Voluntariado, promovido pela Organização das Nações Unidas, que este tomou mais proporções e reconhecimento na sociedade.

Segundo Wilson (2000) o voluntariado é entendido como uma ação transformadora, realizada por um indivíduo ou grupo, que através da doação do seu tempo, trabalho e talento a uma causa pode ser facilitador de mudança social.

A concetualização do termo voluntariado é bastante extensa, dadas as inúmeras definições por todo o mundo. Facto este que poderá revelar, por um lado, a pouca reflexão e, por outro, a sua riqueza.

Já Cnaan, Handy e Wadsworth (2002) têm dificuldade em definir o conceito de voluntariado residindo no facto de este ser associado a atividades não remuneradas, o que origina em certas circunstâncias dificuldades em perceber o que é considerado como trabalho voluntário.

Para Amorim (2015), o voluntariado é uma atividade de oferta de tempo e capacidades/ aptidões para a realização de determinado serviço ou ação.

Almeida & Ferrão (2001) definem o voluntariado atendendo a uma perspetiva internacional e nacional.

De acordo com alguns autores, voluntário é uma pessoa que oferece o seu serviço a uma determinada organização, serviço esse que origina benefícios ao próprio e a terceiros, sem esperar uma compensação monetária (Shin e Kleiner, 2003).

O voluntariado é um fenómeno amplo com definições muito diferenciadas tendo em conta o contexto onde nos posicionamos (Gomes, 2009), mas não é um fenómeno recente (Wilson e Pimm, 1996) e tem mudado muito ao longo dos tempos (Anheier e Salamon, 1999) já que “a sociedade é dinâmica e, como tal, a sua estrutura vai sendo galgada por novas visões do mundo” (Leandro e Cardoso, 2005).

Gomes (2009) defende que o voluntariado é, atualmente, tido como um fenómeno social em ascensão, promovido e praticado nos mais diferentes quadrantes da vida social ativa, convocando os diferentes contextos sociais. Isto é, desde o voluntariado jovem ao sénior, desde a responsabilidade social das empresas aos meios académicos, o voluntariado é hoje uma referência de participação cívica ativa e responsável.

Já Calha (2006) defende que o voluntariado tem uma marcada identidade que transcende classes sociais, educação, sexo e idade. Baseia-se numa forma de perspetivar, sentir e atuar sobre temas sociais e de interesse público, advogando práticas sociais alternativas.

Para a União Europeia, o voluntariado é visto como o “meio de formação e aprendizagem para a integração no mercado de trabalho e como via de expressão da cidadania e participação ativa”. (Mourão e Tavera, 2010)

Já para Bouzas (2001), o voluntariado apresenta na atualidade, diversos perfis e perspetivas, consoante os diversos ângulos, nomeadamente:

- Como uma necessidade para o bom fim de muitos projetos de ação sociocultural, e como necessidade também para que muitos dos cidadãos possam exercer a sua condição como tal, colaborando ativamente na melhoria e transformação da realidade social;
- Como ameaça de suplantação para muitos profissionais de ação sociocultural ou social, que argumentam falando não só de agravos corporativos, mas também do risco de deterioração da própria ação sociocultural e social, por falta de competência técnica;
- Como chantagem das Administrações Públicas que, ao reclamar e favorecer o voluntariado, justificam a falta de vontade ou a sua capacidade para dar resposta às necessidades sociais da cidadania.

Para Bouzas (2001) o voluntariado acaba por ser entendido como um serviço gratuito e desinteressado, que nasce da tripla conquista da cidadania, como um exercício da autonomia individual, da participação social e da solidariedade para com os últimos.

No entanto, a definição do voluntariado também passa por entender aquilo que o voluntariado não é, e que muitas vezes é confundido (Bouzas,2001).

O voluntariado não é:

- **Beneficência:** sendo que os voluntários não se devem mostrar como benfeitores que repartem as sobras e olham para cima do ombro, a partir da sua superioridade cultural e social, para aqueles que reclamam a sua solidariedade. Tal atitude contribuirá apenas para manter indefinidamente as situações injustas, limitando-se a pôr remendos e deixando-nos sempre longe do lugar e do coração dos excluídos.

Krebs & Mille (1985) defendem que o altruísmo e solidariedade são valores morais socialmente constituídos e que são encarados como uma virtude da pessoa.

- **Caridade:** Este termo tem vindo a ser aplicado, ao longo da história de forma contrária ao seu verdadeiro sentido. Tem-se vindo a desvalorizar.

A caridade, que de princípio tinha o significado profundo de amor e solidariedade real frente ao próximo, foi-se transformando em mera esmola, essas moedas que trazemos no bolso e que damos ao mendigo que nos estende a mão. O voluntariado social, não deve, em caso algum exercer este tipo de caridade. Esta, hoje, deve ser vivida como solidariedade eficaz, procurando mais a raízes dos problemas para encontrar a solução.

Ranci (2006) defende que o Voluntariado antes de ser um fenómeno visível e de assumir uma dimensão pública, constitui uma experiência pessoal e associativa. É uma experiência partilhada socialmente com outros voluntários e com os beneficiários de uma ação. É doar-se a uma causa, a um dom da caridade, da solidariedade, enfim, o dom de servir o outro.

- **Paternalismo:** Tem-se constatado desde sempre que as atitudes paternalistas, em todas as ordens da vida, a única coisa que tentaram e conseguiram, em muitas ocasiões, foi criar pessoas infantis, submissas e carentes. O voluntário tenta ajudar os mais oprimidos, despertando a dignidade que há neles, a necessidade que há neles, a necessidade de que se tornem sujeitos ativos da sua própria existência.

Amaro (2022) defende que o Voluntariado passa a ser reconhecido como uma forma de atuação complementar à intervenção Estatal, com uma ação menos relevante e remetido para a esfera das relações familiares, de vizinhança e comunitárias da sociedade civil.

- **Assistencialismo:** Face às situações mais dramáticas, como resultado de guerras, secas, desastres naturais, etc., que requerem inevitavelmente medidas urgentes, às quais todos temos de responder, para garantir a vida dos afetados. Não obstante, os voluntários sociais não podem basear o seu trabalho numas medidas de assistencialismo que a única coisa que provocam é prolongar a dependência no tempo. O seu esforço deve centrar-se em ações que procurem a promoção e a justiça para com os excluídos e medidas e propostas que ponham fim á subordinação dos necessitados.

Merege (2001) acredita que o assistencialismo está muito ligado a doação material e que o Voluntariado é uma forma de doação de capacidade intelectual, de trabalho, e de tempo.

Em Portugal, e atendendo à legislação em vigor, no decreto-lei 71/98, art.º 2 (p.5695), o voluntariado é definido como o conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. Não são abrangidas pela presente lei as atuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança.

O relatório sobre “State of the World’s Volunteerism Report (2018)” descreve que construir comunidades resilientes requer os esforços de milhões de voluntários.

Segundo a pesquisa acima descrita, o voluntariado é um comportamento social universal que se baseia no desejo das pessoas se envolverem com a mudança, ao invés de experimentarem passivamente os processos de desenvolvimento.

O voluntariado tem o potencial de contribuir para a resiliência da comunidade, permitindo que os grupos se organizem de forma flexível, respondam em tempo real e se adaptem diante dos padrões da mudança em risco. A pesquisa existente sobre o voluntariado fornece um ponto de partida para entender a sua contribuição para a paz e o desenvolvimento.

O voluntariado funciona, também, como estratégia para a redução dos custos sociais, sendo que as características mais importantes do mesmo ainda são totalmente desvalorizadas.

McCurley & Lynch (1996) apresentam uma definição de voluntariado, escrita de forma simples, onde defendem que o voluntariado é uma atividade relativamente incoerciva. Ninguém impõe nada, mas a pessoa obriga-se a si mesma a fazê-lo e o seu bem-estar pode depender disso. Outras definições como a da ONU, da OIT e a que está na legislação portuguesa (e de outros países) afirmam que a atividade de voluntariado é realizada de livre vontade, isto é, por iniciativa própria. Assim, não estão incluídas as ações de voluntariado realizadas por obrigação legal como as sentenças estipuladas pelo tribunal, serviço militar, requisitos curriculares académicos ou outras que sejam obrigações por qualquer motivo.

É de notar o facto de o voluntariado existir porque a intenção é ajudar e isso é o aspeto central. Logo, uma ação que seja feita para prejudicar, não pode ser classificada de voluntariado, independentemente da filosofia ou valores que defenda. A definição portuguesa realça que é o conjunto de ações de interesse social e comunitário. Salienta o facto de não existir intenção, à partida, de recompensa monetária, ou seja, o voluntariado é levado a cabo sem compensação em dinheiro ou em géneros.

No entanto, os voluntários podem receber “subsídios” em casos específicos (como, por exemplo, em missões de cooperação humanitária). Esta dimensão

económica do trabalho de voluntariado inclui ainda o trabalho a tempo inteiro de voluntários tanto a nível nacional como internacional. Explica a natureza do trabalho voluntário que implica esforço, cumprimento de regras e compromisso.

Rego, Zózimo e Correia (2017), concluíram que o voluntariado é um contexto especialmente propício ao desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa e na sua relação com os outros, evidenciando-se três conclusões principais:

- Há a absorção, por parte de um número importante de pessoas e organizações, da aquisição de competências por parte dos voluntários;
- Estas competências são, antes de mais, de natureza transversal;
- Existe uma boa recetividade, por parte de um número importante de pessoas e organizações, à criação de um sistema de validação de competências geradas pelo voluntariado.

Conclui-se que o voluntariado é denominado então, pelo conjunto de ações, desenvolvidas por entidades sem fins lucrativos públicas ou privadas, que constituem formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, de maneira a melhorar a qualidade de vida e a promover o bem-estar das populações.

Estas organizações sem fins lucrativos são constituídas por voluntários, que têm como principal objetivo a prestação de serviços ao público, em áreas como a saúde, a educação, o meio ambiente, a cultura, os direitos civis, entre outros.

Estas organizações são focadas nas necessidades sociais, bem como no combate á exclusão social.

1.2. Trabalho Voluntário

Os voluntários podem melhorar a capacidade das comunidades para lidar com choques e tensões aumentando o capital humano, fortalecendo capital e bem-estar, aumentando o capital natural e desenvolvendo o capital financeiro.

Ao oferecerem apoio social crítico e vincular atores externos, os voluntários podem reduzir os riscos de desastres. Em estados frágeis e pós-conflitos, os voluntários podem fortalecer a resiliência da comunidade integrando refugiados e deslocados, construindo a apropriação no processo de paz e desenvolvimento e fortalecendo a coesão social dentro e entre grupos. Os voluntários são atores chave nas crises (a grande maioria dos sobreviventes de um desastre são resgatados por voluntários locais).

A base de evidência mostra que enquanto os atores externos podem ajudar a desenvolver capacidades locais, também podem criar dependências que enfraquecem a resiliência ao nível da comunidade. O conhecimento atual sobre o voluntariado tende a se concentrar na sua capacidade de mitigar, gerenciar e responder aos riscos e choques da comunidade.

No entanto, esta atividade é também uma propriedade das comunidades resilientes. Sendo que as conexões centradas no ser humano e as características auto-organizadas do voluntariado, significam que a resiliência das comunidades não seja devidamente compreendida.

Catarino (2003) reconhece que a característica identificadora do trabalho voluntário é a gratuidade nas suas dimensões exterior e interior: a exterior consiste no facto de o voluntário não auferir remuneração, e a interior consiste na decisão livre de a não receber, com base em motivações que variam de pessoa para pessoa.

De acordo com Shin e Kleiner (2003), voluntário é um indivíduo que oferece o seu serviço a uma determinada organização, sem esperar uma compensação monetária, serviço esse que origina benefícios ao próprio indivíduo e a terceiros e é levado a cabo atendendo à livre e espontânea vontade de cada um dos indivíduos (UN, 2001).

Snyder (2009) refere que estas vantagens ou benefícios ao próprio incluem efeitos positivos na autoestima, melhoria na performance académica, melhoria na eficácia pessoal e na confiança.

De acordo com o Manifesto sobre o voluntariado na Europa, elaborado pelo European Volunteer Centre (2006), o trabalho voluntário é visto como forma “de integração e inclusão social que contribui para uma sociedade coesa, criando laços de confiança e solidariedade e, por conseguinte, capital social”.

Para as Nações Unidas (NU) (2001), o conceito de voluntário refere-se “ao jovem ou ao adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social, ou outros campos de intervenção”.

Anderson (2005) refere que para gerir eficazmente voluntários presume-se, a partir da literatura referente às motivações, que é essencial os gestores estarem alertados para as motivações, bem como entenderem essas motivações por detrás do voluntariado. As indústrias (...) necessitam de reconhecer esta ligação entre o entendimento da motivação dos voluntários e a necessidade de tomar medidas para atrair e manter essa motivação.

Karr e Meijs (2006) reconhecem que, paralelamente, de forma a compreender a sustentabilidade das motivações dos voluntários é fundamental considerar a interação entre as características de determinada organização e os próprios voluntários.

De acordo com Parboteeah, Cullenb e Lim (2004), a investigação em gestão não tem dado muita atenção ao voluntariado como área de estudo, no entanto atendendo a que o voluntariado constitui uma parte substancial do trabalho produtivo para muitas sociedades e atendendo aos benefícios que o voluntariado pode trazer para uma organização, entende-se que mais atenção deve ser dada a este fenómeno, em particular ao fenómeno do voluntariado formal.

Para Lima (2009), a ação voluntária significa aderir a uma causa e a uma rede de relações das quais se participa por livre escolha.

Melluci (2001) discute que o termo “voluntário”, numa aceção mais informal, ganha uma dimensão ampla, abrangente, não se confinando às perspetivas institucionais; apresenta-se como um ato pessoal, espontâneo, em prol de alguém que necessita. É uma ação caracterizada pela gratuidade dos serviços doados, não no sentido de que não se recebe nada em troca, mas antes pelo facto de que os benefícios económicos quantificáveis não constituem a base da relação entre os agentes envolvidos.

Godbout (1999) refere que, desse modo, a espontaneidade é um elemento essencial na ação voluntária, uma vez que esta não obedece a nenhuma imposição em função do cálculo ou de uma obrigação contratual, mas antes a um movimento de alma,

já que ir em direção ao outro significa que não o fazemos só para obter alguma coisa, mas também porque o sentimos.

Segundo Lima (2009), a gratuidade consiste na espontaneidade, na liberdade dessas ações, no sentido em que não se espera algum retorno, tão pouco coação para agir. Mesmo que haja reconhecimento público na ação voluntária, este é implícito e não consciente, de maneira que não se configura como um dispositivo relevante para a adesão ao voluntariado. Contudo, importa referir que, mesmo que não se espere a retribuição, esta acaba sempre por se fazer apresentar no plano simbólico. Acontece a retribuição estar presente no próprio ato de dar, na medida em que o voluntário entende que, ao ajudar o outro, ajuda-se a si mesmo. Não por recompensa, mas porque, com a sua ação, realiza-se como pessoa e acaba por se livrar dos fantasmas do egoísmo, do orgulho e da vaidade.

Como defende Godbout (1999), a retribuição é um gesto grandioso, que resulta de uma ação livre para com o outro, que por sua vez faz o seu *contra dom* e alimenta a chamada “espiral de generosidade”. Isto é, essa troca entre pessoas não segue a lógica de mercado, já que nessa reciprocidade a ênfase é colocada no ato de dar e de retribuir e não de extrair a maximização do benefício tangível. A relação entre o doador e o receptor mostra-nos que a relação da dádiva assenta na ideia de que toda e qualquer pessoa é única nesta rede solidária.

Para Lima (2009), a lógica da dádiva sinaliza algo que retorna ao doador, e, com isso, a pessoa crê que o bem feito a outrem pode retornar em seu próprio benefício, gerando, assim, um ciclo de reciprocidade.

1.3. Os diferentes tipos de voluntariado

O voluntariado apresenta alguma diversidade, podendo ser formal, informal e internacional.

Segundo Fernandes (2013) o voluntariado envolve diferentes agentes, que acabam por se enquadrar nos diferentes tipos de voluntariado.

Esses agentes são:

- Voluntários;
- Organizações da Sociedade Civil;
- Entidades Governamentais;
- Empresas;
- Entidades Educativas e Universitárias;
- Gestores de Voluntários.

Os voluntários têm um trabalho não remunerado, integrando-se em organizações de economia social, mas igualmente governamentais, museus e entidades educativas e universitárias.

As Organizações da sociedade civil, que podem ser, por exemplo, cooperativas, associações, fundações, misericórdias, museus, desenvolvendo projetos com o intuito de contribuir para a diminuição das vulnerabilidades existentes.

As Entidades Governamentais para além de contribuírem para o desenvolvimento também desenvolvem atividades de voluntariado. As empresas acabam por fazer parte destes agentes devido ao incentivo de programas de voluntariado corporativo.

As entidades educativas e universitárias são entidades que abrangem tanto o ensino pré-escolar, básico, secundário, centros de estudo, escolas profissionais como entidades de ensino superior.

Quanto aos gestores voluntários, estes são elementos centrais na coordenação, tendo que saber usar adequadamente os instrumentos e atitudes de gestão. Estes podem pertencer a qualquer uma das entidades mencionadas.

A realidade é que o voluntariado pode surgir através de motivações de cariz social ou então de cariz pessoal, e independentemente das suas motivações, este surge com o risco da desumanização, ou seja, sempre que por algum motivo o indivíduo ou a sociedade necessitem de uma ajuda, que o Estado não consegue ou não tem possibilidade de facultar.

Importa referir, que as instituições de voluntariado são constituídas por particulares, os voluntários, e nunca pelo Estado ou pelo Poder Local, embora sejam de cariz privado, fornecem bens e serviços de carácter público, como a saúde, a educação e questões relacionadas com o meio ambiente e outros serviços que são considerados indispensáveis em sociedade.

1.4. Voluntariado Formal e Informal

Segundo Fernandes (2016), existem dois tipos de voluntariado, o formal e o informal.

Hardill e Baines (2011) defendem que “o primeiro é levado a cabo em grupos ou organizações e o segundo realizado numa base interpessoal no contexto de relações de vizinhança e da dádiva de tempo, ou seja, o informal, trata-se de um voluntariado espontâneo, onde não está a representar nenhuma organização, mas sim a si mesmo. Já o voluntariado formal, realiza-se no âmbito de uma organização.

Segundo Curley e Lynch (2013), o voluntariado informal consiste no trabalho produzido pelos próprios indivíduos e os outros indivíduos não pertencentes ao seu agregado familiar.

Já o voluntariado formal, inclui comportamentos semelhantes, mas que se enquadram num âmbito de uma angariação institucional. Ambos podem ser subdivididos a título regular e ocasional, sendo que o regular prevê um costume frequente, já o ocasional diz respeito a uma tarefa de curta duração, por um período pré-determinado.

Segundo Parboteeah, Cullenb e Lim (2004), o voluntariado informal inclui comportamentos como, por exemplo, ajudar os vizinhos ou idosos, já o voluntariado formal caracteriza-se por comportamentos semelhantes, mas enquadrados no âmbito de uma organização.

No caso do voluntariado formal também pode ser definido como sendo dirigente, em que as tarefas se baseiam na execução de tarefas de gestão.

Bussell & Forbes (2002) ou Delicado, Almeida & Ferrão (2002) observam como o voluntariado não dirigente é composto por atividades mais rotineiras, existindo um contacto mais direto com o público-alvo.

Catarino (2004) identifica uma tipologia tripartida dependendo da natureza e responsabilidade do voluntário, sendo composto por voluntariado de direção institucional, voluntariado de assessoria e estudo e voluntariado operacional, (Cit. In Maria Marques, 2016).

Segundo os dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), 48,4% das pessoas que exerceram uma atividade de voluntariado fizeram-na de modo informal, (Cit. in António Sérgio 2013).

O voluntariado pode ser ainda de curta ou longa duração, dependendo dos objetivos e atividades dos projetos.

O voluntariado de curta duração refere-se a episódios esporádicos ou únicos e o de longa duração desenvolve-se de uma forma continuada no tempo, podendo ser a tempo inteiro ou parcial.

Para Soupourmas e Ironmonger (2001), o voluntariado formal e estruturado, é identificado como uma atividade que ocorre em organizações sem fins lucrativos e traz benefícios para a comunidade onde se insere e para o próprio voluntário, é levado a cabo por voluntários que não sofrem nenhum tipo de pressão e que não recebem qualquer tipo de pagamento ou apoio financeiro.

Parboteeah, Cullenb & Lim (2004) referem que o voluntariado formal é mais suscetível de ser investigado e utilizado pelas organizações.

Bussell e Forbes (2002), Delicado, Almeida e Ferrão, (2002), ou Inglis e Cleave (2006) referem que importa também distinguir o voluntariado dirigente e o não dirigente, pois têm características distintas.

O voluntariado dirigente executa tarefas de gestão, enquanto o não dirigente executa atividades mais rotineiras e tem um contacto mais próximo ou direto com o público-alvo da OSFL beneficiária (Delicado, Almeida e Ferrão, 2002).

1.5. Voluntariado Internacional

O voluntariado internacional encontra-se em crescente nos países em desenvolvimento. O objetivo das missões internacionais é trabalhar com a comunidade local, capacitando-a, de modo a torná-la autossuficiente.

Paiva (2014) acredita que o Voluntariado Internacional terá começado no campo de batalha em Verdun, na França, surgindo com a necessidade de reconstrução da Vila Esnes-en-Argonne que tinha sido destruída pela guerra. Posteriormente, este tipo de Voluntariado surge na Suíça, em Les Ormonts, onde 12 voluntários ajudaram a limpar os escombros de uma avalanche.

Relativamente ao voluntariado internacional, este encontra-se em crescente nos países em desenvolvimento. O objetivo das missões internacionais é trabalhar com a comunidade local, capacitando-a, de modo a torná-la autossuficiente.

Soler (2007) identifica três características que diferenciam o voluntariado internacional das outras práticas de voluntariado:

- Beneficia pessoas, grupos ou instituições de diferentes países;
- A temporalidade do benefício de ajuda observa-se a médio-longo prazo;
- As comunidades locais devem cooperar ativamente nos projetos de desenvolvimento, para que estes sejam eficazes. O voluntariado internacional proporciona diversas vantagens para a comunidade local, onde o princípio da solidariedade e cooperação estão presentes, uma visão humanitária e capacidade para concertar as diferenças culturais, capacidade de organização e pensamento crítico.

A história que Silvano Lopes nos conta, em 2019, é realmente uma verdadeira aventura. Os autores, juntamente com os seus amigos, ajudaram a melhorar as condições dos hospitais e escolas, pintaram casas, acarinharam aquelas crianças que pouco ou nada têm.

O voluntariado internacional ocorre quando em determinados momentos é necessária a deslocação de voluntários para os locais onde os mesmos são precisos. Este voluntariado atua em diversas vertentes, nomeadamente a nível social, da saúde, da educação, do ambiente e da cultura. Reforçando a ideia de que o voluntariado surge com a necessidade de colmatar necessidades existentes em dada comunidade, e Silvano Lopes descreve muito bem o que é ser voluntário fora do País de origem:

“... Aí, deparei-me com uma nova realidade, bem diferente daquilo que estava habituado na Europa...”

“A viver na redoma de vidro que é a Europa, onde a verdadeira pobreza não é comparável a outras latitudes, as dificuldades sentidas por quem não tem água potável, sapatos para calçar ou uma simples caneta para escrever, foi algo que sempre sensibilizou. Dedicar parte das minhas férias a usar aquilo que sei fazer melhor e, através de imagens, trazer até cá duras realidades de outros cantos do mundo de forma a promover ONG’S e aproximar mais pessoas dos problemas sentidos pelos habitantes dos locais mais desfavorecidos. Quem sabe também, contribuir para incentivar quem, como eu, decidam dar um pouco de si para fazer do mundo um lugar um pouco mais humano”.

“Acordamos cedo para fazer uma das tarefas a que nos propusemos, nada mais nada menos do que montar uma vedação á volta do hospital, para impedir que os porcos, galinhas e outros animais circulem no interior do hospital. Organizamos também um grupo de crianças, equipadas com luvas, para limpar todo o lixo que havia no chão do hospital.”

Soler (2007) defende que a colaboração é o pilar do desenvolvimento de projetos em países em desenvolvimento, sendo para isso de extrema importância a capacidade de organização, pensamento crítico e trabalho em equipa, bem com a participação ativa da comunidade local no desenho de projetos.

Bouzas (2013) refere que não podemos falar unicamente de solidariedade nacional ou local. Vivemos num mundo interdependente, com a economia globalizada, com meios de comunicação que nos informam, em poucos minutos, de qualquer acontecimento ocorrido no outro extremo do Globo. É certo que temos de trabalhar e lutar a partir do nosso local, mas conscientes de não vivemos numa ilha. A solidariedade deve ser mundial, porque as decisões tomadas pelos poderes políticos e económicos abarcam todo o nosso planeta.

No momento atual, já não é suficiente uma solidariedade que não tenha em conta esta implicação a nível internacional.

Segundo Bouzas (2013) não conseguiremos abrir uma brecha neste sistema injusto se não nos organizarmos, participando a nível político, sindical e associativo:

- Com imaginação;
- Abandonando o que é obsoleto;
- Sem atitudes rígidas;
- Com entusiasmo e alegria;
- Rejeitando o desespero;
- Sendo fiéis, persistentes, até mesmo nos fracassos e erros;
- Fazendo-nos surdos, frente aos acomodados do sistema, que nos dirão que pertencemos ao passado.

Bouzas (2013) considera que nos devemos manter utópicos, mas com os pés bem assentes no chão, para podermos ser instrumentos de uma terra mais bela, fraterna e solidária. O mesmo acaba por citar um militante sandinista: "A solidariedade internaliza o amor".

Para Bouzas (2013), na realidade o voluntariado Internacional está ligado ONG's que segundo, passaram de grandes desconhecidas a estar diariamente na boca das pessoas na tinta dos jornais. O autor dá exemplos de ONG'S que têm tido feitos notáveis no conceito de voluntariado, tais como, Greenpeace, Médicos sem Fronteiras e Amnistia Internacional. Todas elas conseguiram grandes inovações, como fazer com que as Câmaras Municipais se juntassem às iniciativas por elas criadas.

1.6. O papel do Voluntariado num contexto de Guerra

Atualmente, está a decorrer uma guerra, entre a Rússia e a Ucrânia, incapaz de passar despercebida e suscitando a grande necessidade de intervenção de voluntários e respetivas instituições orientadas para o mesmo.

Como é sabido na História, sempre que surge uma guerra com ela vem a destruição, a fome, a morte, a desorientação e desproteção, levando a um número elevado de pessoas desprotegidas, que passam por inúmeras dificuldades, por chegarem a ser desumanas e até inimagináveis em pleno século XXI.

É então, que surge a necessidade de haver voluntários e associações capazes de ajudar a minimizar as destruições causadas pela guerra, atuando de várias formas, mas tendo como objetivo principal auxiliar aqueles que por um ou outro por motivo são considerados mais desprotegidos, nomeadamente, as crianças, os idosos, as mulheres, os portadores de alguma doença e na realidade todos aqueles que precisem de algum auxílio.

A verdade é que, num acontecimento tão desumano como a guerra, muitos são os feridos e os refugiados, havendo a necessidade do surgimento de um voluntariado voltado para as emergências, surgindo grupos de voluntários dispostos a ir para a área afetada.

Segundo Júnior (2022), membro da Amnistia Internacional, o papel do voluntariado em contexto de guerra depende de duas conjunturas, nomeadamente, do tipo da atuação da instituição, sendo que o papel dos voluntários numa ONG, como a Amnistia passa muito pela transmissão em escala local de informação e sensibilização a respeito do conflito e a criar mobilização social de forma a pressionarem os governantes a agirem. Na Cruz Vermelha, por mais que a sensibilização seja um ponto importante, os voluntários têm um papel de recolha e gestão de bens voluntários que serão enviados para a zona de conflito, como por exemplo a recolha de bens alimentares, de higiene e medicamentos. Quanto á localização, o trabalho de voluntários no terreno onde a guerra se passa é muito mais de carácter humanitário.

Longe da guerra, como o Luís Júnior acredita, o trabalho do voluntário passa muito mais pela transmissão de informação e pressão política.

Lopes (2022) por outro lado, através de um artigo de opinião, nomeadamente, “Os “voluntários na guerra da Ucrânia”, publicado no CNN Portugal, fala-nos de um outro tipo de voluntariado que surgiu neste contexto atual de guerra, e não menos importante, nomeadamente aqueles que se voluntariam para combater pelos Países em guerra, por uma questão de patriotismo e não pela questão humanitária. Os combatentes que lutam pela independência e pela injustiça, muitos deles vêm de outros Países para ajudar a combater tais questões.

Em contexto de guerra, surgiram também milhares de refugiados e muitos Países acolheram famílias por inteiro, entrando aqui a questão humanitária, a distribuição de comida, de cobertores, de um local onde pudessem ficar protegidos e até mesmo auxílio por profissionais de saúde.

Bouzas (2013) acredita que as ONG’S têm uma grande importância, essencialmente, de quando se trata de ativar a consciencialização pública sobre aspetos de importância vital, tanto a nível social como humano.

Paiva (2022) indica no artigo “A lei do Voluntariado” o voluntariado significa “capacidade de escolha e decisão”. Portanto “há vida para além da legislação” ou melhor, “há voluntariado para além da lei”.

Neste contexto de guerra, as ideias defendidas pelo autor Paiva (2022) aplicam-se na perfeição, pois as associações voluntárias tiveram e continuam a desempenhar um papel extraordinário e de extrema importância e até mesmo os indivíduos que não fazem parte de nenhuma associação, mas que contribuíram e continuam a contribuir para ajudar todos aqueles que nada têm a ver com os conflitos políticos, mas que sofrem com as decisões políticas.

De forma a obter um testemunho real, acabei por procurar alguém que tenha usufruído do Voluntariado Internacional na atual Guerra da Ucrânia. Encontrei a Irina, que veio para Portugal, com as duas filhas, ainda crianças, a mãe e a irmã. Os maridos e pais ficaram na Ucrânia.

Após ter questionado a Irina do papel que o voluntariado teve nesta fase tão conturbada ela respondeu que graças aos voluntários ela e a família receberam alimentos, puderam viajar para um território seguro da Ucrânia, onde tiveram alojamento e alimentação, (anexo II).

Depois do testemunho da Irina, é possível entender o papel de extrema importância que os Voluntários tiveram e têm neste cenário tão assustador. O que teria sido das famílias Ucrânicas sem os voluntários?

Rocha (2006 pág.35) discutiu como o nível de participação dos cidadãos em causas cívicas, e designadamente, o nível de mobilização local para as atividades como o voluntariado é importante. Através desta prática, em áreas muito diversas como a saúde, a cultura, o desporto, a solidariedade social ou a defesa do património, muitos cidadãos envolvem-se empenhadamente em atividades de grande relevância para a comunidade desempenhando, não raras vezes, um papel muito ativo na atenuação de problemas dos grupos sociais mais desfavorecidos, (cit. in Mourão e Tavera, 2010).

Capítulo II - Pesquisa Qualitativa x Pesquisa Quantitativa

2.1. Pesquisa Quantitativa

Numa primeira etapa, e de forma a iniciar o processo metodológico, foi importante percebermos qual o problema de pesquisa, que foi trabalhado de maneira a conseguirmos testar as hipóteses e chegar a uma conclusão.

Desta forma, chegamos à conclusão de que o problema inicial passava pela questão de como aumentar o número de voluntários, utilizando os três tipos de voluntariado, de modo a minimizar as maiores fragilidades da sociedade.

Após definirmos o problema de pesquisa, achámos pertinente a criação de três componentes para percebermos de que forma interferem nas pessoas.

- Motivação, que nos ajudaria a entender que motivações teriam as pessoas para serem voluntárias;

Catarino (2003) acreditava que a característica identificadora do trabalho voluntário é a gratuidade nas suas dimensões exterior e interior: a exterior consiste no facto de o voluntário não auferir remuneração, e a interior consiste na decisão livre de a não receber, com base em motivações que variam de pessoa para pessoa, (cit. in Maria Marques, 2016).

- Benefícios, tentamos perceber que benefícios a prática de voluntariado teria para os indivíduos e quais os benefícios que os levariam a ser voluntários;

“De acordo com Shin e Kleiner (2003), voluntário é um indivíduo que oferece o seu serviço a uma determinada organização, sem esperar uma compensação monetária, serviço esse que origina benefícios ao próprio indivíduo e a terceiros e é levado a cabo atendendo à livre e espontânea vontade de cada um dos indivíduos (UN, 2001)”.

- Percepções, que percepções teriam os indivíduos acerca do voluntariado, e quais seriam as mesmas para se tornarem voluntários. "As percepções dos voluntários sobre a natureza do trabalho voluntário são influenciadas por fatores como a natureza da tarefa, a cultura organizacional, as recompensas e benefícios percebidos e o reconhecimento pelo trabalho realizado." – John Wilson, autor de "Volunteerism Research: A Review Essay (2012)"

Antes de iniciarmos o desenvolvimento do questionário, formulamos assim as seguintes hipóteses que nos ajudaram na criação das perguntas e no desenho do questionário:

Tabela 1- Formulação de hipóteses

Nº	Hipóteses
H1	As pessoas acreditam que praticar voluntariado traz benefícios.
H2	As pessoas não praticam voluntariado com frequência.
H3	O voluntariado provoca um aumento de bem-estar naqueles que o praticam.
H4	O número de voluntários aumentou após o surgimento da Guerra na Ucrânia.
H5	A população é influenciada pelo meio envolvente no processo de tomada de decisão.
H6	Os meios envolventes são escassos a nível de informação.
H7	As pessoas não praticam voluntariado porque não se identificam.
H8	As situações que requerem maior sensibilização fazem com que as pessoas não pratiquem voluntariado.
H9	A falta de tempo leva as pessoas a não praticar voluntariado.
H10	A falta de segurança leva os indivíduos a não terem interesse.
H11	O aumento de números de voluntários está relacionado com o enriquecimento curricular.
H12	A prática de voluntariado é utilizada como recurso de bem-estar pessoal e não como ajudar o próximo.

Fonte: Elaboração própria

Com as hipóteses procuramos colocar suposições de forma a obtermos argumentos que esperávamos ter na nossa análise. Procuramos também perceber de que forma as variáveis estão relacionadas, onde usamos para testar a nossa teoria.

As hipóteses foram criadas após ler a opinião dos autores, mencionados acima, acerca do Voluntariado e do Trabalho Voluntário. De forma a conseguirmos formular as hipóteses foi importante tentarmos perceber também as motivações que levam os voluntários a praticar a dádiva, perceber os fundamentos, o porquê e para quem. Desta forma passamos a citar alguns autores que reforçam o que foi redigido acima:

Assim, e segundo De Ven (2000), Kolm (2000) e Clotfelter (cit. in Mourão, 2007; 2008), podemos agrupar as motivações para a dádiva em seis categorias, a saber:

- Altruísmo, colocando a prioridade na satisfação dos outros;
- Egoísmo, cuja finalidade é ganhar satisfação individual (na perspectiva de quem dá);
- Warm Glow, que poderíamos interpretar como "gosto por dar", na medida em que a própria dádiva gera por si utilidade para o doador;
- Estratégia, cujo objetivo é a sinalização de confiança ou o estreitamento de laços pessoais e/ou profissionais;
- Justiça, no sentido de reduzir a desigualdade ou a iniquidade observada em determinada comunidade ou sociedade;
- E sobrevivência, visando reforçar a aceitação da presença do doador em comunidades baseadas em trocas voluntárias.

Continuando com a análise ao trabalho de Mourão (2007;2008) em “Todo o Homem é meu irmão”, podemos perceber que existem dimensões que influenciam a forma de dar e de receber. O rendimento, as habilitações literárias e até o número de filhos influenciam o doador.

Já no que respeita aos benefícios que o voluntariado traz, Lima (2009) defende que no ato voluntário a retribuição de se estar presente no próprio ato de dar é importante, na medida em que o voluntário entende que, ao ajudar o outro, ajuda-se a si mesmo e que a lógica da dádiva sinaliza algo que retorna ao doador, e, com isso, a pessoa crê que o bem feito a outrem pode retornar em seu próprio benefício, gerando, assim, um ciclo de reciprocidade.

De acordo com Shin e Kleiner (2003) voluntário é um indivíduo que oferece o seu serviço a uma determinada organização, sem esperar uma compensação monetária, serviço esse que origina benefícios ao próprio indivíduo e a terceiros...(UN, 2001).

Assim, e segundo De Ven (2000), Kolm (2000) e Clotfelter (cit. in Mourão, 2007; 2008), podemos agrupar as motivações para a dádiva em seis categorias.

Numa entrevista feita pela Fórum Estudante, em janeiro de 2023, Carla Ventura acreditava que: “Numa fase próxima da entrada no mercado de trabalho, como aquela em que se encontram os estudantes universitários, o voluntariado poderá contribuir – e contribui – para uma melhor definição do que queremos e gostamos de fazer, do que somos capazes de fazer, das mudanças que a nossa ação pode provocar, alargando os horizontes do nosso potencial de intervenção. “Independentemente das motivações, o envolvimento dos jovens estudantes em ações ou projetos de voluntariado permite a aquisição de competências baseadas sempre no aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e, em particular, aprender a fazer conjuntamente. Estas oportunidades de trabalho voluntário potenciam o desenvolvimento pessoal e de autorrealização, bem como a aquisição de conhecimentos e competências que têm um importante reflexo na promoção e inclusão profissional e na participação cívica destes cidadãos.”

Assim sendo, tentamos perceber quais seriam os benefícios, as perceções e as motivações dos indivíduos que praticam ou não o voluntariado.

Por último, com a criação das hipóteses quisemos ainda tentar entender a importância que as pessoas atribuem ao papel do Voluntariado numa situação de maior fragilidade, como é o caso da Guerra que está a decorrer entre a Ucrânia e a Rússia.

2.2. Desenho do Questionário

Para a criação do questionário utilizamos o Qualtrics, fornecido pela Universidade do Minho.

Primeiramente, criámos perguntas gerais relacionadas com o tema de investigação, e com o decorrer do questionário fomos aprofundando as temáticas abordadas.

Como os inquiridos podiam responder se eram ou não voluntários, criámos dois tipos de caminho, com questões apropriadas, de forma a tentar analisar os que são e os que não são voluntários.

As perguntas/afirmações tiveram dois tipos de resposta, nomeadamente, resposta por caixa de texto e escolha múltipla. Dentro da escolha múltipla, tinha pergunta de múltipla resposta e resposta única, sendo que todas eram de carácter obrigatório, antes de passar para a próxima questão.

De forma a tornarmos o questionário menos cansativo e mais interativo, utilizamos uma escala de Likert para facilitar as respostas dos inquiridos. Para tentarmos evitar a falta de coerência nas respostas, devido ao questionário ser extenso, procurámos fazer um pré-inquérito a alguns amigos, para obter um feedback acerca do mesmo, e melhorar as questões se necessário.

Capítulo III – Análise de dados

3.1. Amostra

A amostra das observações é constituída pela resposta dada por 268 indivíduos, que responderam ao questionário através das partilhas nas plataformas digitais, tais como o e-mail, o Instagram e o Facebook.

A amostra estudada é constituída por 60% das mulheres, 35% por homens e os restantes 5% preferem não identificar o género (gráfico 1), com idades compreendidas entre os 25 a 35 anos (gráfico 2), sendo a maioria licenciado (gráfico 3) e trabalhador (gráfico 4).

3.2. Método e Procedimento empírico

De forma a realizar o estudo, começámos por solicitar a devida autorização e respetivas credenciais para acedermos ao Qualtrics, de forma a fazermos as questões que nos permitiram tirar algumas conclusões essenciais.

De seguida, e confirmada a autorização pedida e respetivas credenciais, realizaram-se as questões que achámos mais convenientes e que iam ao encontro do objetivo do presente estudo. Após concluirmos as questões, procedeu-se à partilha do questionário, através das plataformas digitais (como Instagram e o Facebook), e através do envio de e-mails, em janeiro de 2023.

Chegadas às 268 respostas, concluímos que o número já era suficiente para analisarmos os dados. Tínhamos a noção que a amostra tinha limitações e representava uma ínfima parte da população. Ainda assim, considerando a natureza das questões, o erro de amostragem era, em média, de 6%. No entanto, através da mesma conseguimos tirar dados que iam ao encontro aos nossos objetivos de pesquisa.

3.3. Análise das Respostas

Neste ponto procuramos dar resposta à questão de investigação abordada anteriormente. Para o efeito, debruçamo-nos sobre variadas problemáticas que, entre si, nos permitem auferir o perfil dos indivíduos que participaram no questionário.

Assim, em face dos resultados obtidos, verifica-se que no voluntariado existem vários e diferentes determinantes que estão relacionadas com uma maior propensão da sua prática, como o género, a idade, as habilitações literárias e a situação profissional (Mourão, 2007; 2008).

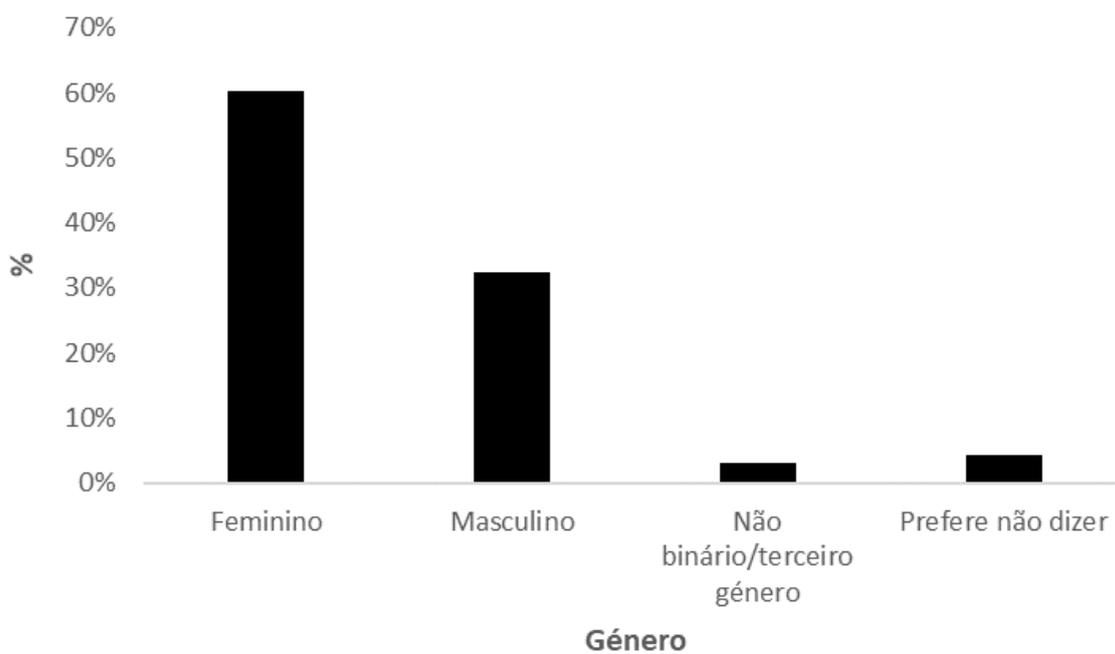
Calha (2009) defende que o voluntariado tem uma marcada identidade que transcende classes sociais, educação, sexo e idade. Baseia-se numa forma de perspetivar, sentir e atuar sobre temas sociais e de interesse público, advogando práticas sociais alternativas.

O Diário de Notícias expôs um estudo, em 2011, com o título “Há mais mulheres voluntárias do que homens”, onde são divulgados alguns dados. Por exemplo, relativamente á idade, á situação profissional e ás habilitações literárias, na notícia mencionada, as maiores percentagens recaem sobre pessoas entre os 56 e 65 anos (34%), empregadas (28,1%) e com o liceu terminado (30,7%).

De acordo com os dados divulgados pelo INE, em 2019, as mulheres fazem mais voluntariado, mas a diferença entre sexos não é muita. Entre as 695 mil pessoas com 15 ou mais anos que participaram em atividades de voluntariado, 55% eram do sexo feminino e 45% do sexo masculino.

No gráfico que se segue, podemos inferir que maioritariamente os inquiridos são do sexo feminino, com uma percentagem de aproximadamente 60%, seguindo-se o masculino com uma percentagem, aproximadamente, de 30%.

Gráfico 1. Distribuição do género da população

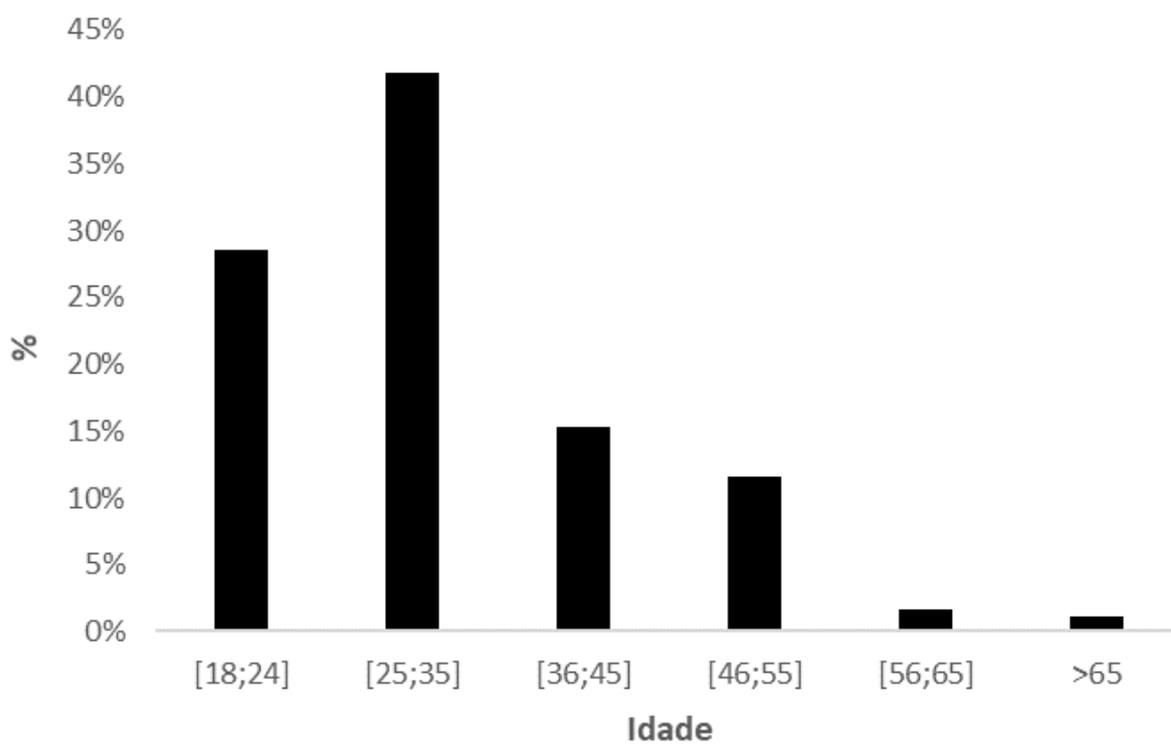


Fonte: Elaboração Própria

Segundo os dados divulgados pelo INE, em 2019, os jovens entre os 15 e os 24 anos eram os que mais faziam voluntariado. A maioria dos voluntários portugueses são solteiros, desempregados e têm um grau no ensino superior.

Como podemos verificar através do gráfico 2, as idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos são as que apresentam as maiores percentagens na nossa análise. Assim sendo, e embora a amostra deste estudo seja bem menor que os dados facultados pelo INE, podemos reparar que os dados não diferem significativamente.

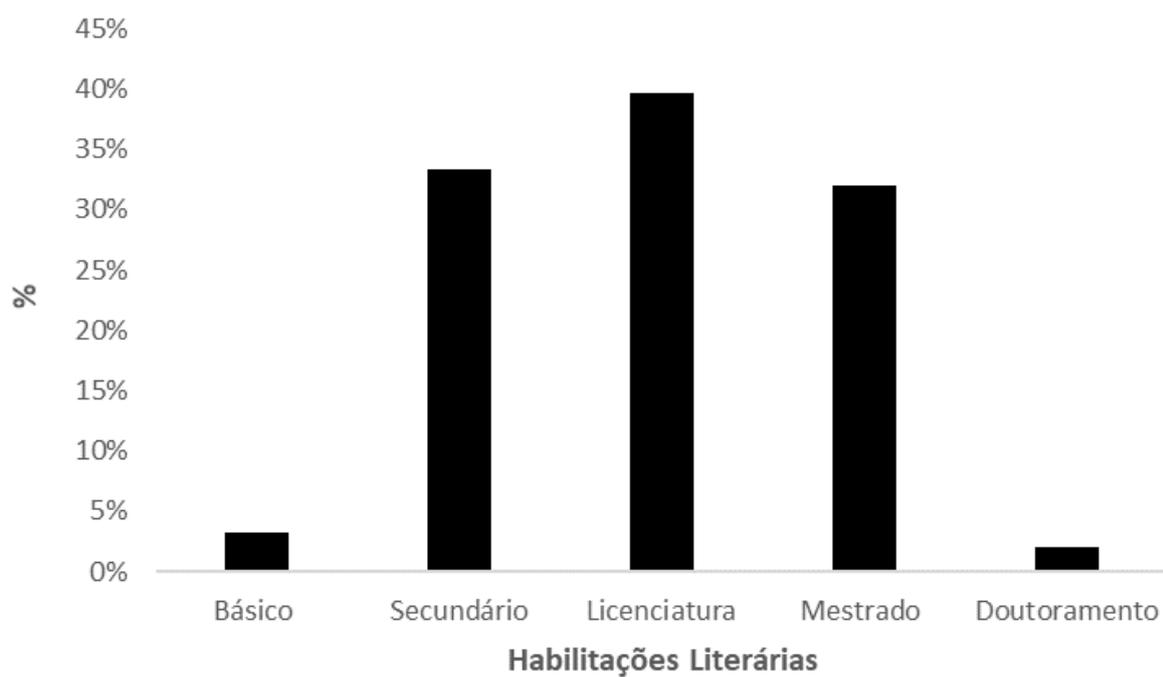
Gráfico 2. Distribuição da idade



Fonte: Elaboração Própria

Face às habilitações literárias dos inquiridos, podemos perceber que uma grande parte completou o ensino secundário, sendo que a maior percentagem recai sobre o ensino superior, com uma percentagem de 40%, aproximadamente.

Gráfico 3. Distribuição das habilitações literárias da população

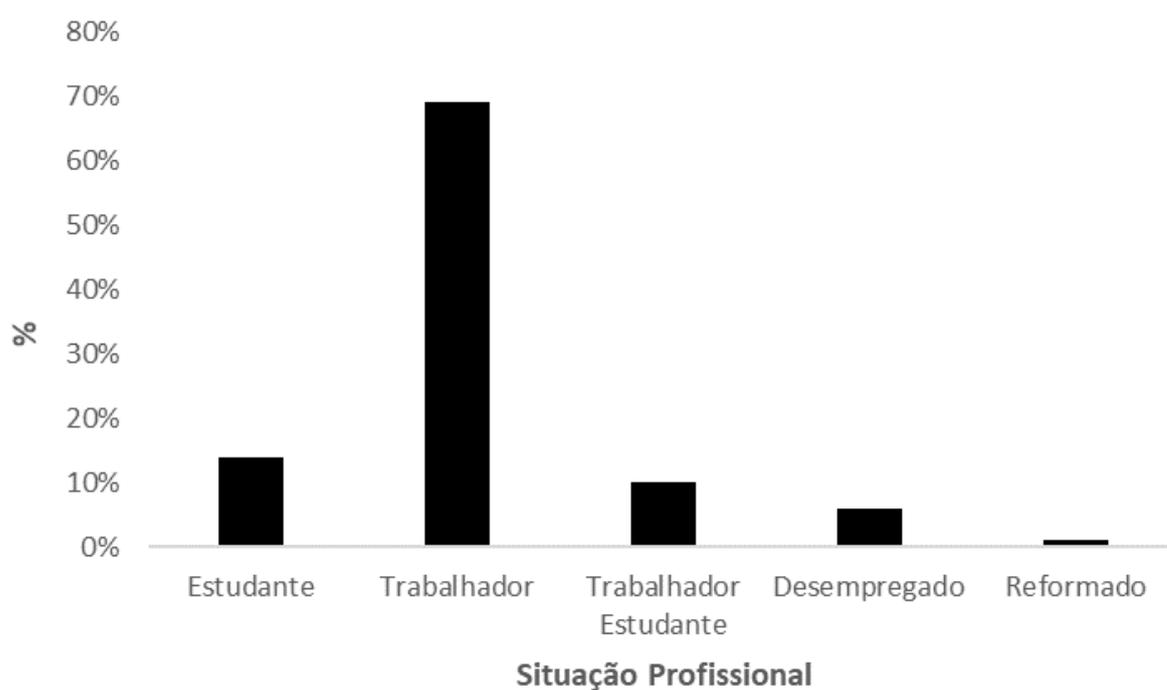


Fonte: Elaboração Própria

No que respeita à situação profissional, cerca de 70% da população faz parte da categoria de “trabalhador”.

Em suma, face à idade, às habilitações literárias e à situação profissional dos inquiridos, podemos perceber que as idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos são as que apresentam uma maior percentagem face às restantes. Nos gráficos apresentados, também é possível concluir que a maioria dos inquiridos são formados e trabalhadores.

Gráfico 4. Distribuição da situação profissional da população



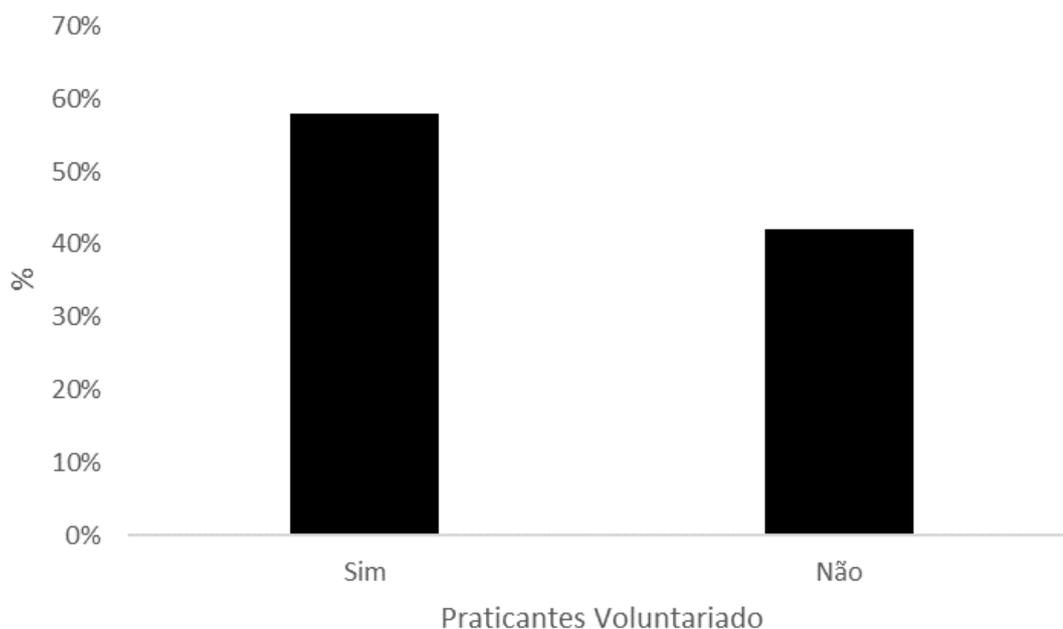
Fonte: Elaboração própria

Segundo os dados divulgados pelo INE (2019), o número de voluntários aumentou a partir de 2012. Há sete anos, o INE verificou que apenas 5,9% da população participava em trabalhos voluntários formais. Em 2018, a taxa registou um aumento de 0,5 pontos percentuais.

Desta forma, e com base no gráfico 5, podemos perceber que mais de metade da população deste estudo pratica voluntariado, com uma percentagem de 60%, aproximadamente. Comparativamente com os dados divulgados pelo INE, concluímos que a população da nossa amostra, é “mais voluntária.”

Serapioni (2013) refere que por todo o país existe um número significativo de instituições, desde pequenas, médias ou grandes empresas nos diversos ramos de atividade, instituições de solidariedade entre outras, que começam a investir na valorização e qualificação dos voluntários. Este processo para ter sucesso deve ser efetuado de forma integrada, continuada e consequente (cit. In Marques 2016).

Gráfico 5. Pessoas praticantes ou não praticantes de voluntariado



Fonte: Elaboração própria

O voluntariado é, atualmente, tido como um fenómeno social em ascensão, promovido e praticado nos mais diferentes quadrantes da vida social ativa, convocando os diferentes contextos sociais. Isto é, desde o voluntariado jovem ao sénior, desde a responsabilidade social das empresas aos meios académicos, o voluntariado é hoje uma referência de participação cívica ativa e responsável. (Gomes, 2009).

Os dados divulgados pelo INE, em 2019, mostram que a importância do voluntariado qualificado tem vindo a crescer em Portugal. Esta qualificação passa por formação em conteúdos e competências sociais, promovendo uma transformação e crescimento do voluntário quanto a uma determinada envolvente.

No gráfico 6, podemos ver que cerca de 90% dos inquiridos consideram que a importância atribuída ao Voluntariado tem aumentado. E tal como defende Gomes (2009), o voluntariado é um fenómeno em ascensão, como podemos comprovar através dos dados divulgados pelo INE.

Gráfico 6. O aumento da importância atribuída ao Voluntariado por parte da População da amostra

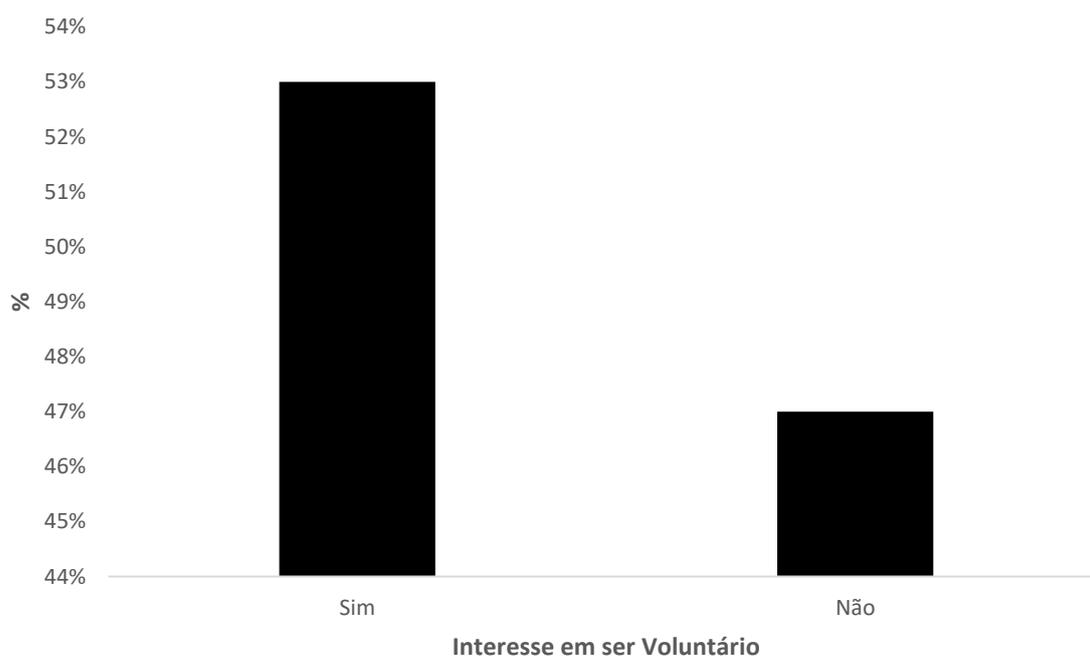


Fonte: Elaboração própria

Identificadas as variáveis, que ajudaram a perceber o perfil da população que respondeu ao questionário realizado, passámos então para a análise das questões, onde foi possível avaliar a importância do voluntariado num contexto de guerra, o conhecimento da população face à sua definição, e a forma como pode ser dividido e a importância que este conceito tem em geral, na sociedade.

Face à questão nº19 “Já alguma vez sentiste interesse em ser voluntário?” cerca de 78% dos inquiridos respondeu que já sentiu interesse em ser voluntário. Resultado bastante positivo, no que concerne à “força” que o voluntariado tem vindo a ganhar nos últimos anos.

Gráfico 7. Interesse que os inquiridos tiveram ou têm em ser voluntários



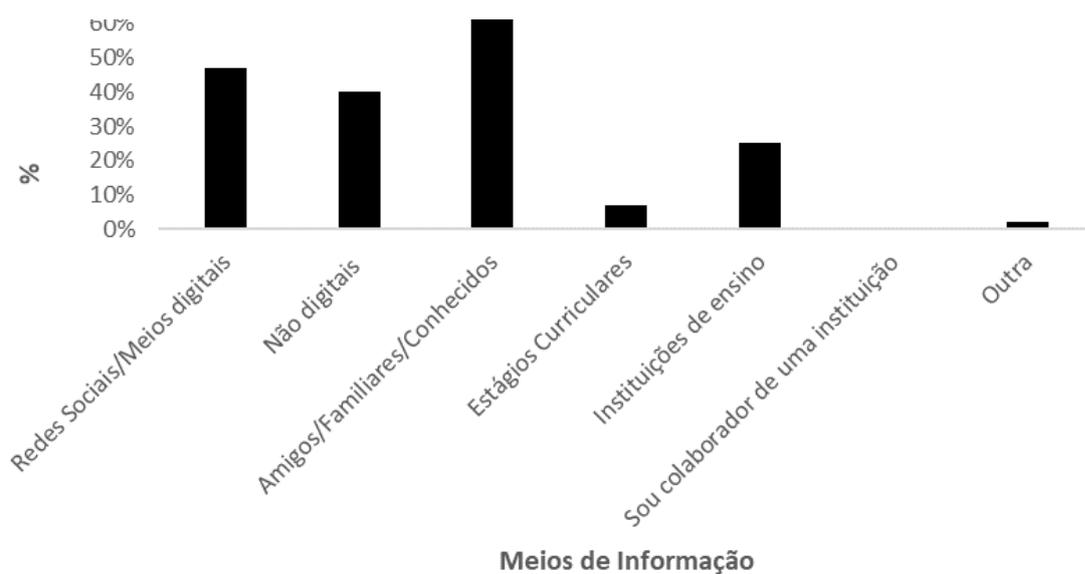
Fonte: Elaboração própria

Em relação à questão nº 20 “Se já alguma vez ouviste falar de voluntariado”, a opção com maior percentagem foi através de “ amigos e familiares” com 36.45%, seguindo-se as redes sociais e os meios digitais com 24.14%, e por último os meios não digitais com 21.18%.

De forma a comentar os dados acima, importa ter em conta o estudo “Dar olhando a quem”, sobre o trabalho de Mourão, em 2007, “Todo o Homem é Meu Irmão”:

“Ainda que as novas tecnologias possibilitem abordagens alternativas nestas dimensões, os suportes tradicionais (como jornais, rádios e televisão) continuam a envolver-se em campanhas publicitárias, não só de cariz institucional, mas também de âmbito social, entre as quais as campanhas destinadas a recolher fundos para apoio aos mais necessitados, a vítimas de catástrofes naturais ou de situações de guerra. Dado o seu contacto com um público mais amplo que as novas tecnologias (mais utilizadas por uma camada da população mais localizada nas gerações mais jovens), os tradicionais meios de comunicação social permitem difundir os apelos motivadores da dádiva junto de receptores em maior número.”

Gráfico 8. Fontes de informação, pelas quais a população toma conhecimento acerca do conceito de voluntariado



Fonte: Elaboração própria

Na questão nº21, foram colocadas algumas hipóteses, numa escala de 1 a 5, onde o 1 corresponde ao “discordo totalmente” e o 5 “concordo totalmente”. Nesta questão, o objetivo essencial foi tentar perceber a opinião dos inquiridos face a alguns pontos gerais acerca do conceito de Voluntariado.

Relativamente à hipótese “Os cidadãos ou grupos de voluntários utilizam o voluntariado para a promoção pessoal”, cerca de 24% dos inquiridos concordou totalmente com a afirmação.

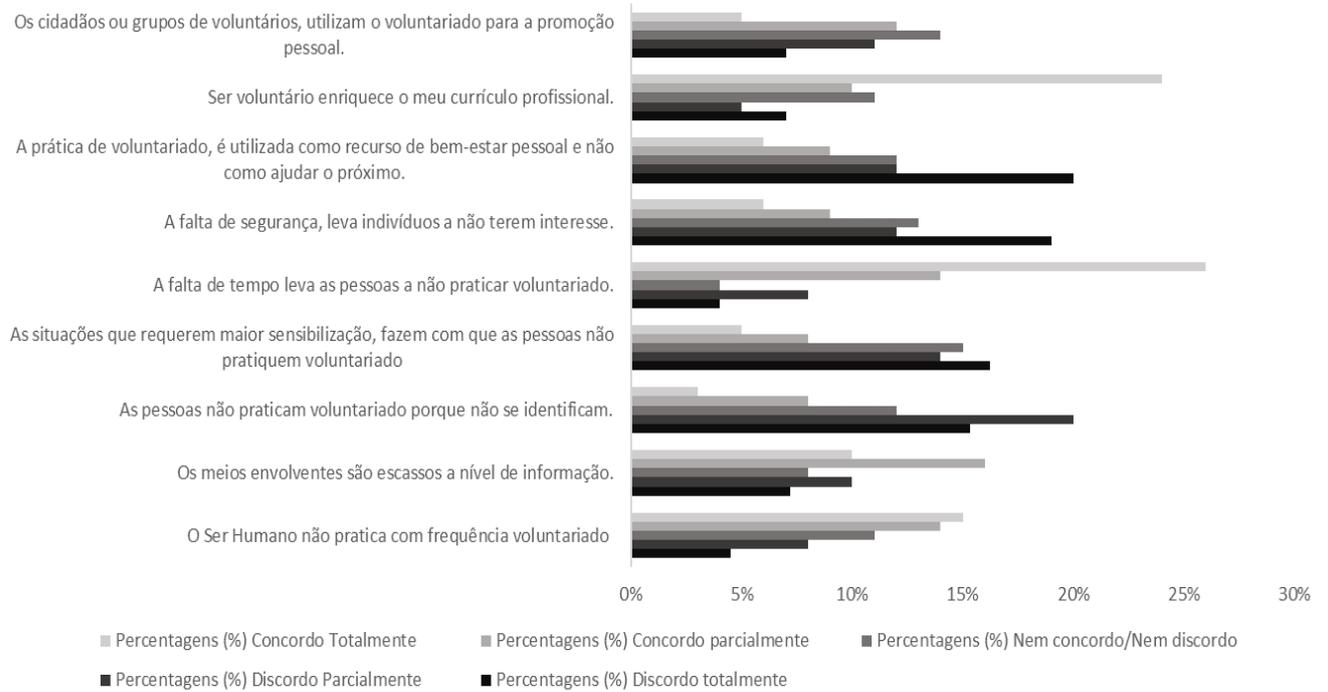
Ven (2000) considera que o voluntariado é um ato de egoísmo, cuja finalidade é ganhar satisfação individual (na perspetiva de quem dá), entrando também o fator de Warm Glow, que poderíamos interpretar como “gosto por dar”, na medida em que a própria dádiva gera utilidade para o doador, (cit.in Mourão, 2013).

De notar que as pessoas concordaram parcialmente, com o facto da falta de tempo (14%), a escassez de informação (16%) e a falta de segurança (9%) serem motivos para não praticarem voluntariado.

Em 2019, o INE, divulgou que o número de pessoas que fazem voluntariado em Portugal não chegava aos 700 mil. O valor corresponde a uma taxa de 7,8% da população.

Na hipótese “Ser voluntário enriquece o meu currículo profissional”, cerca de 24% concordou totalmente e 10% concordou parcialmente com a afirmação.

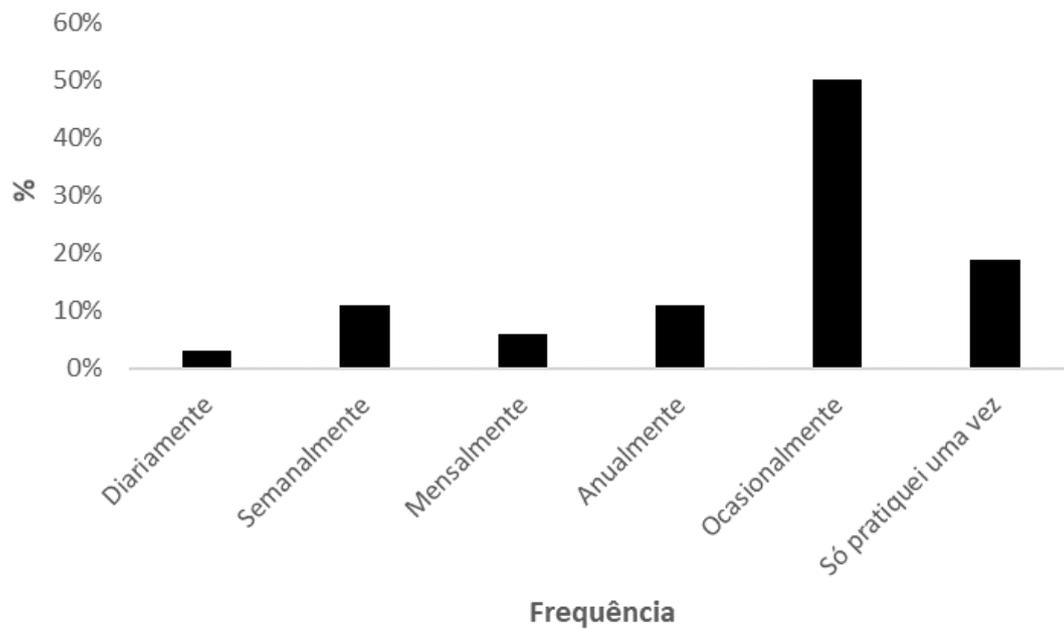
Gráfico 9. Percentagens de hipóteses feitas aos inquiridos



Fonte: Elaboração própria

Na questão “Com que frequência praticas voluntariado?”, representada no gráfico 10, cerca de 49.58% pratica ocasionalmente, seguindo-se a prática de uma vez apenas com 18.49%..

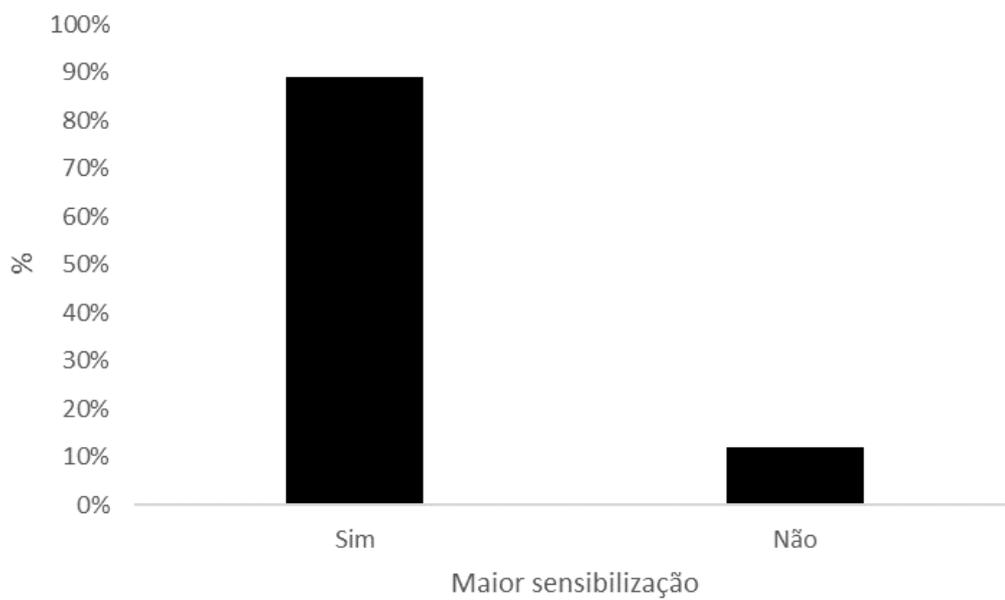
Gráfico 10. Frequência da prática do voluntariado por parte dos inquiridos



Fonte: Elaboração própria

Cerca de 90% dos inquiridos considera que a Guerra da Ucrânia contribuiu para uma maior sensibilização da população face á prática de voluntariado, o que demonstra que situações mais frágeis acabam por reforçar o papel deste conceito, não sendo de hoje, visto que o voluntariado surgiu pela primeira vez na I Guerra Mundial.

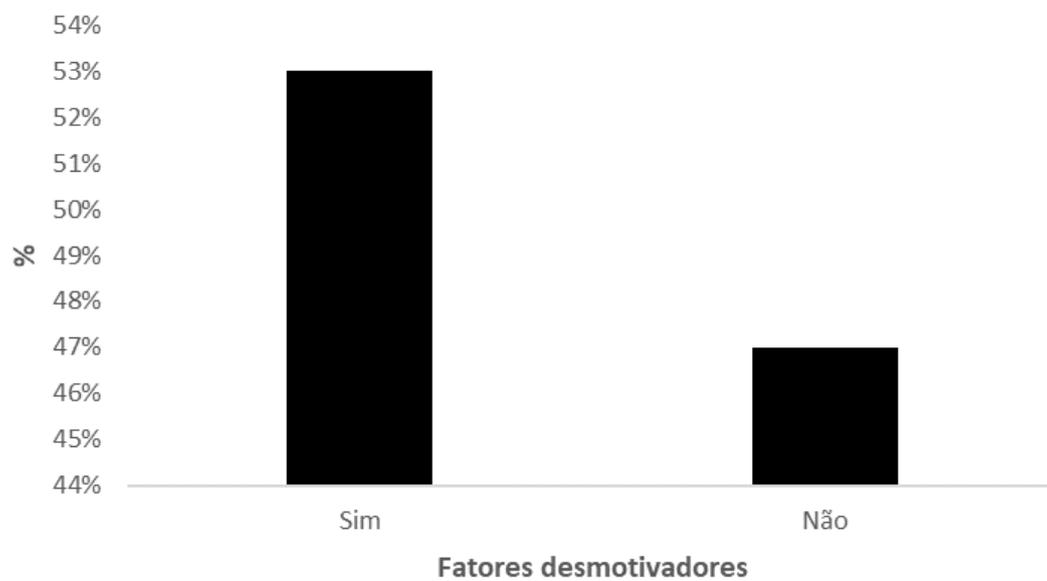
Gráfico 11.A Guerra da Ucrânia como fator de maior sensibilização para a prática de Voluntariado



Fonte: Elaboração própria

Mas, se por um lado, a Guerra da Ucrânia contribui para uma maior sensibilização para a prática do voluntariado, por outro, cerca de 54% dos inquiridos considera um fator desmotivador para a prática do mesmo. Neste caso, torna-se um fator desmotivador para a prática do Voluntariado Internacional, ou seja, praticar Voluntariado na Ucrânia ou num País vizinho traduz-se num cenário perigoso para os nossos inquiridos.

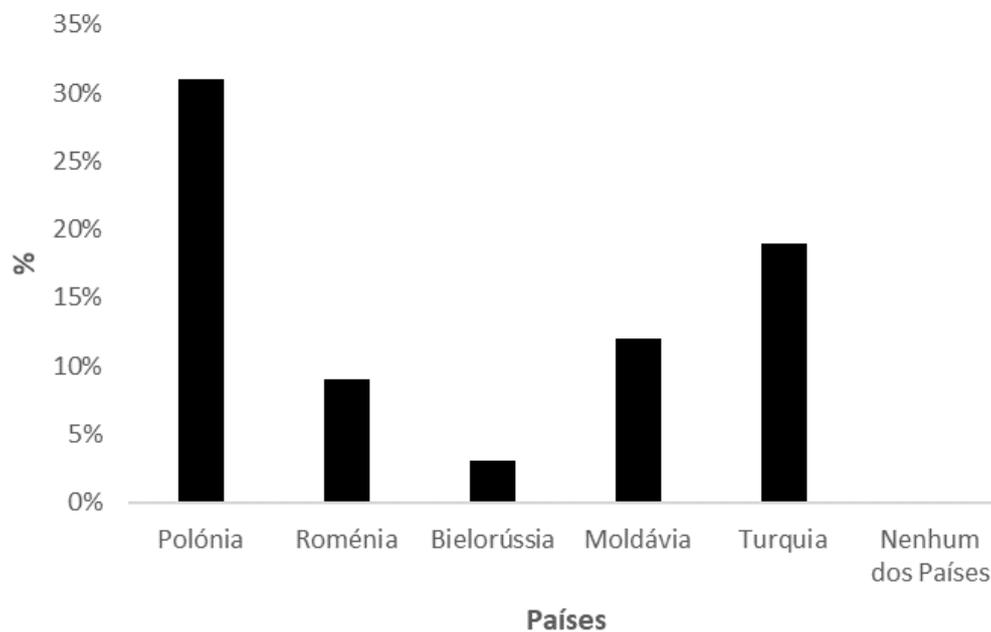
Gráfico 12. A Guerra como fator desmotivador para a prática de voluntariado



Fonte: Elaboração própria

Desta forma à questão “Se tivesses que escolher um País, para fazeres voluntariado, que País escolherias?”, dentro das opções descritas no gráfico abaixo, os Países que apresentam maiores percentagens, são a Polónia com 31% e a Turquia com 19%. Assim, esta questão acaba por reforçar e ir ao encontro das percentagens obtidas na questão anterior, relativamente à Guerra ser um fator desmotivador para a prática de voluntariado.

Gráfico 13. Países pelos quais as pessoas teriam preferência em praticar voluntariado



Fonte: Elaboração Própria

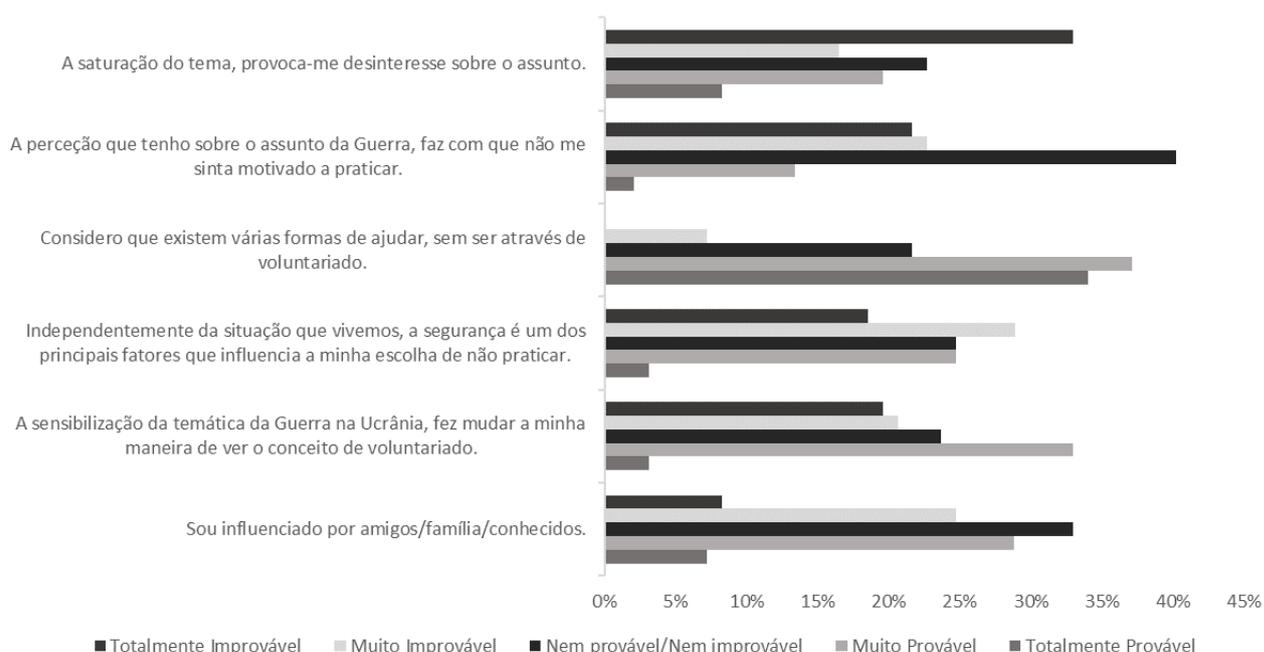
De se notar que no gráfico que se segue (gráfico 14), são apresentadas algumas hipóteses aos inquiridos, que variam entre o “Totalmente provável” e “Totalmente improvável”, de 1 a 5, em que 1 corresponde ao “Totalmente improvável” e 5 ao “Totalmente provável”.

Assim, é possível percebermos que 35% dos inquiridos sentiu a necessidade de despende um pouco de tempo para praticar voluntariado e que 33% ficou mais motivado para esta prática durante a Guerra.

Na hipótese “Considero que existem várias formas de ajudar, sem ser através do voluntariado”, cerca de 37% respondeu ser “Muito provável” e 34% respondeu ser “Totalmente provável”.

Já na hipótese “A sensibilização da temática da Guerra na Ucrânia fez mudar a minha maneira de ver o conceito de voluntariado”, cerca de 21% respondeu ser “Muito provável”. Esta questão acaba por demonstrar que face a estas situações de fragilidade, as pessoas acabam por ficar mais motivadas para a prática de voluntariado.

Gráfico 14. Hipóteses que permitem inferir a motivação das pessoas para a prática de voluntariado



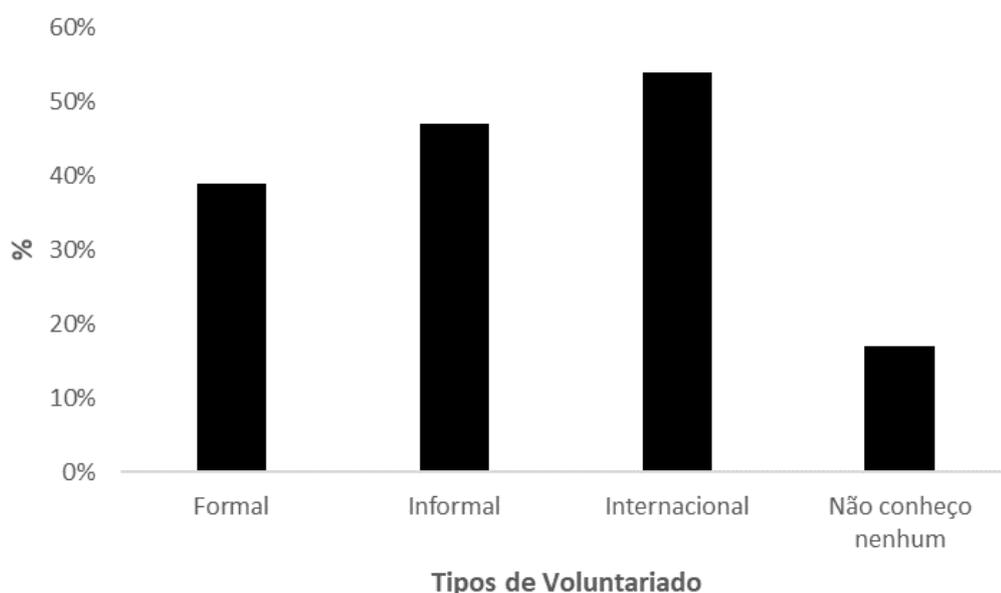
Fonte: Elaboração própria

Em 2019, o INE, divulgou que a taxa de voluntariado em 2018 tinha sido de 7,8%, tendo cerca de 695 mil pessoas da população residente com 15 ou mais anos participado em, pelo menos, uma atividade formal e/ou informal de trabalho voluntário.

Na questão “Assinala a opção/opções do tipo de voluntariado de que tens conhecimento”, surpreendentemente o que teve maior votação foi o voluntariado Internacional, com cerca de 34.90%, seguindo-se o voluntariado informal com 29.87% e por último o voluntariado formal com 24.83%. Estas percentagens demonstram que associações, de cariz internacional acabam por ter um maior impacto na sociedade. No entanto, o voluntariado formal e informal requerem uma definição mais específica, mas acabam por estar interligados com qualquer tipo de voluntariado. Pois o que os distingue é estarem ou não ligados a uma instituição.

Segundo os dados facultados pelo INE, em 2019, no ano de 2018, a taxa de voluntariado, isto é, a percentagem da população residente com 15 ou mais anos que participou em, pelo menos, uma atividade formal e/ou informal de trabalho voluntário, foi de 7,8%, o equivalente a cerca de 695 mil voluntários. A taxa de voluntariado formal cifrou-se em 6,4%, enquanto a taxa de voluntariado informal foi de 1,5%.

Gráfico 15. Conhecimento da população dos diferentes tipos de voluntariado



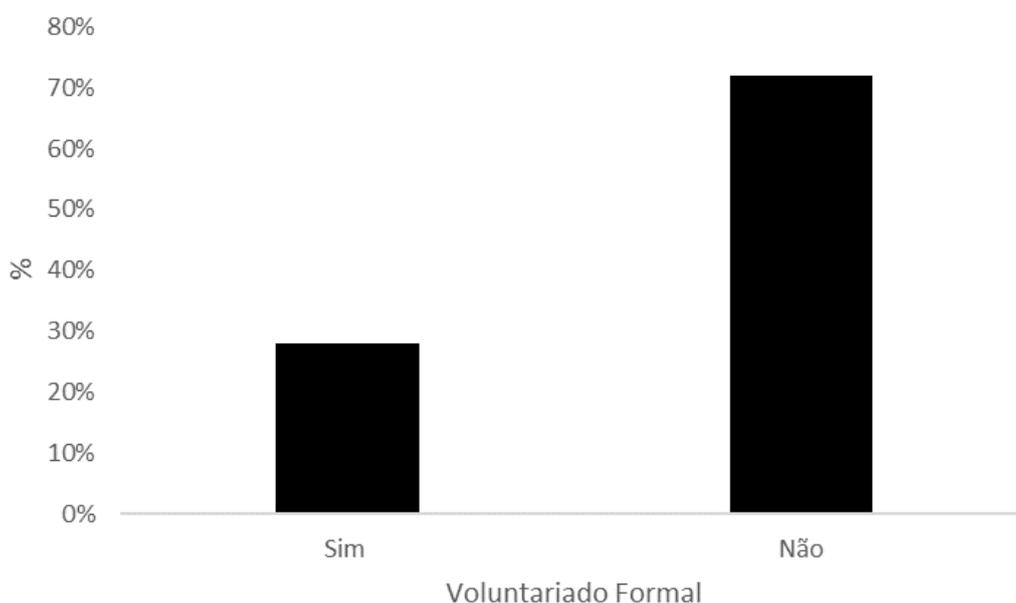
Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito á questão “Praticas voluntariado através de alguma instituição?”, podemos verificar que cerca de 70% dos inquiridos não pratica voluntariado formal, ou seja associado a uma instituição.

Através da análise referida acima, podemos entender que mais de metade da população da amostra em questão não pratica voluntariado através de uma instituição, o que quer dizer que apenas 30% das pessoas no estudo praticam outros tipos de voluntariado, como por exemplo o voluntariado formal e internacional.

Alguns dos inquiridos deram exemplos de instituições da qual fazem ou fizeram parte, como Thirst Project, Encosta da Oliveira, Banco alimentar e a Associação Mimos e Tratos.

Gráfico 16. Distribuição da População que pratica voluntariado através de uma instituição

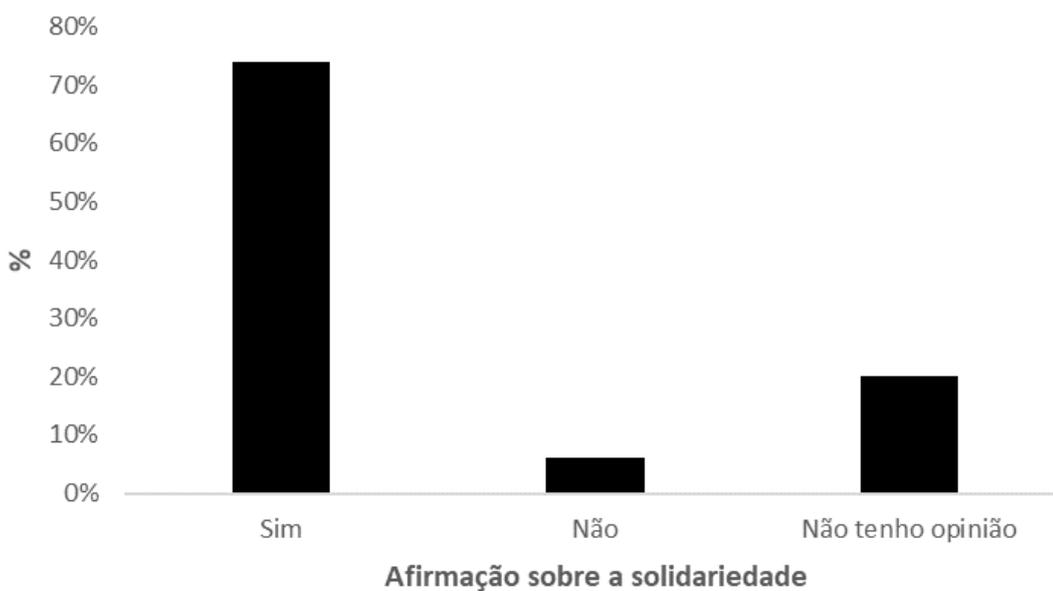


Fonte: Elaboração própria

No gráfico mencionado abaixo (gráfico 16), cerca de 74% dos inquiridos concordaram com a afirmação: " ... não podemos falar unicamente de solidariedade nacional ou local. A solidariedade deve ser mundial, porque as decisões tomadas pelos poderes políticos e económicos abarcam todo o nosso planeta." (Bouzas, 2013).

Percentagem bastante positiva, pois, demonstra que a grande maioria dos indivíduos considera que a solidariedade é extremamente importante, não restringindo este conceito apenas ao País de origem.

Gráfico 17. Opinião da População sobre a Solidariedade

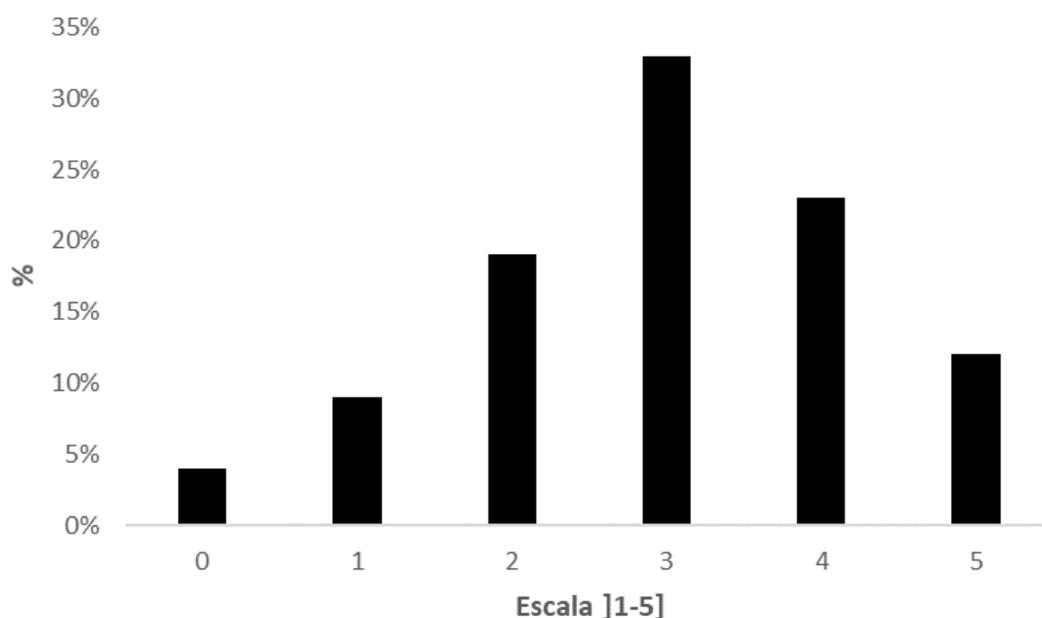


Fonte: Elaboração própria

Na questão “Numa escala de 1 a 5 quanto tencionas praticar voluntariado num futuro próximo?”, em que 1 corresponde a “Não tenciono” e 5 a “Tenciono muito”, em média 34% da população em estudo, terá interesse em fazer voluntariado num futuro próximo, e embora a percentagem não seja tão positiva quanto se esperava, não deixa de ser um sinal de que o voluntariado está a ganhar importância com o passar dos anos.

Numa entrevista realizada pelo “Fórum Estudante”, a Carla Ventura, Vice-presidente da Cases, em janeiro de 2023 a mesma considerava que “Há cada vez mais jovens que fazem Voluntariado... e que as oportunidades de trabalho voluntário potenciam o desenvolvimento pessoal e de autorrealização, bem como a aquisição de conhecimentos e competências que têm um importante reflexo na promoção e inclusão profissional e na participação cívica destes cidadãos. Define o voluntariado como uma atividade com resultados win-win, que se traduzem em valias concretas para quem o pratica: contribui para o enriquecimento pessoal, promove o desenvolvimento de competências, o sentido de responsabilidade, de compromisso e de cooperação; concorrendo para uma melhor preparação para a nova etapa que estão prestes a iniciar.”

Gráfico 18. Interesse da população em praticar voluntariado no futuro



Fonte: Elaboração própria

Capítulo IV - Discussão dos Resultados

Neste ponto procuramos dar resposta à questão de investigação anteriormente apresentada.

Primeiramente, revelámos algumas hipóteses (tabela 1), de forma a conseguirmos fazer um conjunto de questões, que nos permitissem perceber o conhecimento da população acerca do conceito de Voluntariado, as suas motivações e pretensões futuras e a opinião do papel do Voluntariado no atual contexto de Guerra. Para tal, debruçamo-nos sobre algumas problemáticas, que nos permitissem alcançar o principal objetivo do presente estudo, ou seja, desenhar o perfil sociodemográfico do voluntário.

Desta forma, face aos resultados obtidos podemos perceber que no voluntariado existem diferentes determinantes que estão relacionadas com a sua prática, como por exemplo, o género, a idade (as pessoas do género feminino e os mais jovens são os mais participativos) e as habilitações literárias, com grande incidência no ensino superior. Foi possível comprovar através dos dados facultados pelo INE, em 2019, que os jovens entre os 15 e os 24 anos são os que mais fazem voluntariado. A maioria dos voluntários portugueses são solteiros, desempregados e têm um grau no ensino superior.

O presente estudo também nos permitiu perceber que a importância atribuída ao voluntariado pela população tem aumentado com o passar do tempo, independentemente de se assumir como formal, informal e internacional, sendo que 50% dos indivíduos tem interesse em fazer voluntariado futuramente e a maioria concorda com o facto do voluntariado ser realizado a nível mundial, visto que influencia todo o planeta.

Segundo os dados do INE, a taxa de voluntariado em 2018 foi de 7,8%, tendo cerca de 695 mil pessoas da população residente com 15 ou mais anos participado em, pelo menos, uma atividade formal e/ou informal de trabalho voluntário.

Tal como mencionado acima, Gomes (2009) defende que o voluntariado é, atualmente, tido como um fenómeno social em ascensão, promovido e praticado nos mais diferentes quadrantes da vida social ativa, convocando os diferentes contextos sociais. Isto é, desde o voluntariado jovem ao sénior, desde a responsabilidade social das empresas aos meios académicos, o voluntariado é hoje uma referência de participação cívica ativa e responsável.

Já para a União Europeia, o voluntariado é visto como o “meio de formação e aprendizagem para a integração no mercado de trabalho e como via de expressão da cidadania e participação ativa”. (Mourão e Tavera 2010)

De se notar, que o conhecimento pelos diferentes tipo de *voluntariado* também se tem verificado, sendo que, dos 268 indivíduos do presente estudo, apenas 13%, sensivelmente, é que respondeu que não têm conhecimento de qualquer tipo de *voluntariado*.

Por outro lado, a maioria dos voluntários deste estudo pratica voluntariado ocasionalmente; a percentagem dos que praticam com frequência é mais baixa do esperávamos, no entanto, temos a noção que o voluntariado tem ganho “voz” e que não será de um dia para o outro que terá o reconhecimento que merece, mas que aos poucos a população vai perceber a importância que o mesmo tem na sociedade.

Face aos resultados obtidos podemos concluir que os meios de comunicação que mais contribuem para a divulgação do conceito de voluntariado são as redes sociais/meios digitais, embora a grande maioria passa a conhecer através de amigos e familiares.

Relativamente à atual guerra da Ucrânia, cerca de 90% da população em estudo considera que o acontecimento em questão contribuiu para uma maior sensibilização da sociedade no que concerne à prática de voluntariado, o que demonstra que em situações mais frágeis, os indivíduos valorizam esta prática, ganhando a noção da sua importância.

Em contrapartida, 54% dos indivíduos considera que a Guerra na Ucrânia é um dos fatores desmotivadores para a prática de voluntariado, o que nos leva a concluir que apesar de terem a noção de que é muito importante ser voluntário, essencialmente em alturas mais vulneráveis, têm medo e receio, uma vez que o cenário é de grande exposição ao risco.

No presente estudo também podemos inferir que os inquiridos concordam que os meios envolventes são escassos ao nível da informação no que respeita ao conceito de voluntariado, que a falta de tempo leva as pessoas a não praticar voluntariado e que os voluntários ou os cidadãos, utilizam o voluntariado para a promoção pessoal.

Quanto às hipóteses, através da tabela abaixo verificamos que as hipóteses H7, H8, H10 e H12 apresentam percentagens inferiores a 50%. As restantes, tiveram percentagens superiores a 50%, sendo consideradas válidas. Importa referir que as hipóteses H1, H3 e H11 pertencem ao grupo de pessoas que praticam voluntariado, e as hipóteses H4 e H5, abrangem tanto os que praticam voluntariado como os que não praticam.

Por fim, podemos considerar que o facto de o número de hipóteses válidas (> 50%) ser superior ao número de hipóteses nulas (< 50%) é bastante positivo, visto que as mesmas serviram de base para o desenvolvimento do questionário.

Em contrapartida, a H7, H8, H10 e H12 serão excluídas, por apresentarem percentagens abaixo dos 50%.

Tabela 2 - Validação das hipóteses

Nº	Hipóteses	Validação
H1	As pessoas acreditam que praticar voluntariado traz benefícios.	Validada – 81%
H2	As pessoas não praticam voluntariado com frequência.	Validada – 61 %
H3	O voluntariado provoca um aumento de bem-estar naqueles que o praticam.	Validada – 92 %
H4	O número de voluntários aumentou após o surgimento da guerra na Ucrânia.	Validada - 75 %
H5	A população é influenciada pelo meio envolvente no processo de tomada de decisão.	Validada – 78 %
H6	Os meios envolventes são escassos a nível de informação.	Validada – 60 %
H7	As pessoas não praticam voluntariado porque não se identificam.	Não validada – 29%
H8	As situações que requerem maior sensibilização fazem com que as pessoas não pratiquem voluntariado.	Não validada – 31%
H9	A falta de tempo leva as pessoas a não praticar voluntariado.	Validada – 76%
H10	A falta de segurança leva os indivíduos a não terem interesse.	Não validada – 16%
H11	O aumento de números de voluntários está relacionado com o enriquecimento curricular.	Validada – 63%
H12	A prática de voluntariado é utilizada como recurso de bem-estar pessoal e não como ajudar o próximo.	Não validada – 16%

Fonte: Elaboração própria

Em suma, face aos resultados obtidos, podemos concluir, que o voluntariado tem ganho importância ao longo dos anos, e que os cidadãos têm dado cada vez mais valor a esta prática, essencialmente em situações de maior fragilidade. Por sua vez, a guerra na Ucrânia, veio reforçar a sua importância, realçando a prática dos diferentes tipos de voluntariado.

Capítulo V - Conclusão

Sendo este o último ponto do presente estudo, permite-nos registar algumas das dificuldades, limitações e até mesmo curiosidades, além das principais conclusões alcançadas na investigação.

Desta forma, começamos por falar pelo interesse pela área de Economia Social, o voltar às aulas, às exigências e responsabilidades que um aluno de mestrado acarreta. Fazer parte deste curso, foi muito melhor do que o esperado, extremamente motivador, tendo tido a oportunidade de conhecer e conviver com excelentes colegas e profissionais, tendo tornado tudo ainda melhor.

No que diz respeito á construção da tese, tínhamos a certeza de que seria sobre o voluntariado. Sendo que, após termos assistido às aulas de Economia das Instituições do Professor Paulo Mourão, tivemos a certeza de que seria o melhor orientador para o tema.

O tema da tese ganhou forma, com o surgimento da Guerra entre a Rússia e a Ucrânia, após o Professor Paulo Mourão ter aceitado ser o Orientador, e enviado alguns temas para termos a sua opinião, acabamos por escolher ligar o voluntariado com este acontecimento, não só por ser um tema atual, mas também por ser tão frágil, que iria necessariamente relevar a importância do voluntariado.

Com o inquérito foi possível perceber que o conceito de voluntariado tem ganho importância com o passar do tempo e com os acontecimentos de maior fragilidade, embora ainda se tenha um longo percurso a percorrer, no que concerne à divulgação deste conceito. Sendo que, muitos dos inquiridos não tem conhecimento do mesmo e que nunca praticou voluntariado.

Embora esta prática ajude no enriquecimento curricular, motivo pela qual muitos jovens se tornam voluntários, é necessário criar outras motivações para suscitar o interesse das pessoas em praticar voluntariado. Para tal será necessário pensar em métodos de divulgação, que permitam relevar a importância do voluntariado na sociedade.

Relativamente a dificuldades sentidas ao longo do presente estudo, sem dúvida que a escassez de informação, de bibliografias, de obras sobre o tema foi uma das maiores, pois apesar de conceito de voluntariado estar presente na sociedade há vários anos, ainda não tem a visibilidade que gostaríamos, e aliado a um tema tão atual como a guerra, maiores foram as dificuldades neste sentido.

Contudo, a maior dificuldade sentida foi a gestão de tempo e do trabalho, do limitado rigor no cumprimento das tarefas académicas.

Capítulo VI - Referências Bibliográficas

Amaro, R. R. (2002), O voluntariado nos projectos de luta contra a pobreza em Portugal. Lisboa: Fundação Aga Khan Portugal

Azeredo, L. (2022, 12 de março). Os voluntários na Guerra da Ucrânia. CNN Portugal.

Barbedo, P. (2015). O voluntariado: Um recurso em valorização na sociedade portuguesa. Coimbra: Ordem dos técnicos oficiais de contas e Instituto Superior de Contabilidade e Administração.

Bouzas, M. (2001). Que é...o Voluntariado? Lisboa: Paulinas.

De Ven, J. (2000). The economics of the gift. Discussion paper 68. University of Tilburg: Center for Economic Research.

Delicado, A., Almeida, A. & Ferrão, J. (2002). Caracterização do voluntariado em Portugal. Lisboa: Edição comissão para o ano internacional do voluntariado.

Diário da República (1998). Lei nº71/98 de 3 de novembro (DR. 254/98 série I – A de 1998-11-03).

Diário da República (2010). “Resolução do Conselho de Ministros nº 62/2010”, 1ª série – Nº 165 – 25 de agosto de 2010.

Diário de Notícias (2011, 06 de novembro). “Há mais mulheres voluntárias do que homens nas instituições de solidariedade social. <https://www.dn.pt/portugal/ha-mais-mulheres-voluntarias-do-que-homens-2104166.html>.

Faria, A. (2019, 05 de dezembro). Número de voluntários em Portugal, muito aquém da média europeia. JPN.

Fernandes, A. & Mourão, P. (2012). Para uma abordagem institucionalista do voluntariado – o caso do voluntário da cruz vermelha. INNOVAR: Revista de ciências administrativas e sociais, vol.22, pp.45-52.

Ferreira, M. (2012). Motivações e gestão do voluntariado no setor hospitalar em Portugal. Tese de mestrado. Porto: FEP.

Fórum Estudante (2023). “Há cada vez mais jovens que fazem voluntariado”. Entrevista a Carla Ventura. <https://forum.pt/voluntariado/entrevista-a-carla-ventura-vice-presidente-da-cases-ha-cada-vez-mais-jovens-que-fazem-voluntariado>.

Gomes, D. (2009), *Mundo Vividos: Os Caminhos do Voluntariado Hospitalar*”, Tese de Mestrado em Sociologia - Política Locais e Descentralização: As Novas Áreas do Social, Coimbra, outubro 2009, pp. 14 – 27

INE (2019). “Em 2018, 695 mil pessoas com 15 ou mais anos participaram em atividades voluntárias”. Inquérito ao trabalho voluntário.

Lima, V.S. (2009). Os vínculos que brotam da dor. Rio de Janeiro: Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de sociologia. <https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/sites/conlab/files/XIV%20CONLAB%20PDF.pdf>.

Lopes, S. (2019). *Voluntariado pelo mundo*. Lisboa: Chiado Books.

Macedo, A. (2011). *Solidariedade e Voluntariado: uma relação necessária*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Marques, M. (2016). *As motivações para o voluntariado*. Tese de mestrado. Coimbra: Instituto Politécnico.

Melluci, A. (2001). *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes

Merege, L. (2001). *Três questões sobre o voluntariado*. Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0104200135.htm>.

Mourão, P. (2007). *Dar olhando a quem – estudo sobre o Projeto “Todo o Homem é meu Irmão”*. Braga: Departamento de Economia da Universidade do Minho

Paiva, D. (2016, 12 de setembro). *A lei do voluntariado*. Visão. <https://visao.pt/atualidade/sociedade/visaosolidaria/2016-09-12-a-lei-do-voluntariado>.

Paiva, L. (2014). *Questões essenciais para uma análise global do fenómeno de voluntarismo*. Tese de mestrado. Porto: FLUP.

Parboteeah, K. P., Cullenb, J. B. & Lim, L. (2004). Formal volunteering: a cross national test. *Journal of World Business*, vol. 39, nº 4, pp. 431-441.

Público (2015, 08 de outubro). Jovens têm acesso a novas culturas através do voluntariado no estrangeiro. <https://www.publico.pt/2015/10/08/p3/noticia/jovens-tem-acesso-a-novas-culturas-atraves-do-voluntariado-no-estrangeiro-1824476>.

Ramos, A.G. (1982). Minha dívida ao lorde Keynes. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro. Vol.16, nº2, pp.91-95.

Shin, S. & Kleiner, B. H. (2003). How to manage unpaid volunteers in organizations. *Management Research News*, vol. 26, nº 2/3/4, pp. 63-71.

Silva, E. (2011). *Voluntariado em Portugal*. Fundação Eugénio Almeida.

Skulj, J. (2016). Reflections about 100 years of transnational volunteering. PP.1-6.

Wilson J. (2012). *Volunteerism Research: A Review Essay*. Vol.41.

Anexos

Anexo I - E-mail que contém a opinião de um voluntário, acerca do papel do Voluntariado num contexto de Guerra

Dissertação - O papel do voluntariado num contexto de guerra Caixa de entrada x

 **Catarina Ferreira** <mariagr19@gmail.com>
para losgouveia domingo, 8/05/2022, 15:09 ☆ ↶ ⋮

Boa tarde Dr. Octávio,

Estou a realizar a tese com o tema "O papel do voluntariado num contexto de guerra", e achei por bem recolher alguns testemunhos de organizações/pessoas, que têm uma participação ativa, na realidade atual. Assim sendo, gostaria de lhe pedir uma opinião acerca do assunto, ou seja, na sua perspetiva qual é o papel do voluntariado, num contexto de guerra?
Desde já agradeço a atenção.

Com os melhores cumprimentos,

Maria ferreira

 **Luis Gouveia Junior** <losgouveia@hotmail.com>
para mim segunda, 9/05/2022, 13:30 ☆ ↶ ⋮

Olá Maria Ferreira,
Obrigado pelo contato e por uma tese com um tema tão importante e atual.
Por mais que eu já seja ativista em alguns grupos como na Amnistia Internacional, chamo atenção que a minha resposta será de foro pessoal. Não posso dar opiniões em nome desses grupos.
Eu acredito que o papel do voluntariado em contexto de guerra depende de duas conjunturas: 1- o tipo de atuação da instituição; 2- se o trabalho é feito no local onde a guerra se passa ou no exterior.
Quanto a primeira, o papel dos voluntários numa ONG como a Amnistia passa muito pela transmissão em escala local de informação e sensibilização à respeito do conflito e criar mobilização social de forma a pressionar governantes a fazerem algo. Na Cruz Vermelha, por exemplo, já é um pouco diferente. Por mais que a sensibilização ainda seja um fator importante, os voluntários têm um papel de recolha e gestão de bens voluntários que serão enviados para a zona de conflito.
Quanto à localização, o trabalho de voluntários no terreno onde a guerra se passa é muito mais de carácter humanitário. Longe da guerra, como já referi, acredito que passa muito mais pela transmissão de informação e pressão política.

Espero ter ajudado.
Se tiver mais alguma dúvida, é só falar.
Luis Octavio Gouveia.

Anexo II – Questionário realizado (Pesquisa Quantitativa)

https://eeguminho.eu.qualtrics.com/ife/preview/previewId/cc2b3ba6-26b1-4e48-b083-2e2a391c1d5f/SV_bIVaNTyJSWqffNQ?Q_CHL=preview&Q_SurveyVersionID=current

Anexo III – Testemunho real, acerca da importância dos voluntários num contexto de Guerra

“No autocarro, estava escrito em todas as janelas que haviam crianças ali. Houve um acordo com os soldados de que não seriam tocados.”

“O autocarro foi alvejado por soldados. Ninguém sobreviveu. Existem voluntários nas redes sociais que arrecadam fundos para os soldados e compram o que eles precisam.

“Tem gente que prepara a comida em casa e manda para a fronteira. “Os voluntários também arrecadam fundos para tratamento das famílias afetadas. Deixei o território ocupado graças aos autocarros de evacuação.”

“Uma coluna de autocarros e carros foi criada, com vários quilômetros de extensão. Nos carros escreveram que havia crianças ali. As pessoas nos carros sentavam-se de pijamas e roupões de banho com crianças e animais nos braços.”

“Quando entramos na estrada, que era o território da Ucrânia, as bombas começaram a voar. Eles atingiram um veículo de comboio em movimento. Pessoas morreram neste carro.”

“Militares no território da Ucrânia foram jogados em carros onde viram que havia crianças, pedaços de pão, maçãs, comida que eles tinham. Durante a ocupação, a minha família também recebia alimentos graças aos voluntários. Graças aos voluntários, pude viajar para o território seguro da Ucrânia. Graças aos voluntários, a caminho da Polónia, os voluntários abrigaram-se durante a noite, em Lviv forneceram um hotel gratuito, forneceram alimentação e alojamento. Ainda choramos quando lemos a notícia. As pessoas de Mariupol foram informadas de que os autocarros de evacuação foram para a Ucrânia e depois foram levados á força para a Rússia.”

As pessoas queriam e tinham medo de ir, as famílias com crianças esconderam-se no teatro de Mariupol. Eles escreveram a palavra “crianças” na calçada com letras grandes, para que não bombardeassem do céu. Eles destruíram deliberadamente o teatro e nem todos sobreviveram.”(Irina, 2023)

Assinatura:

